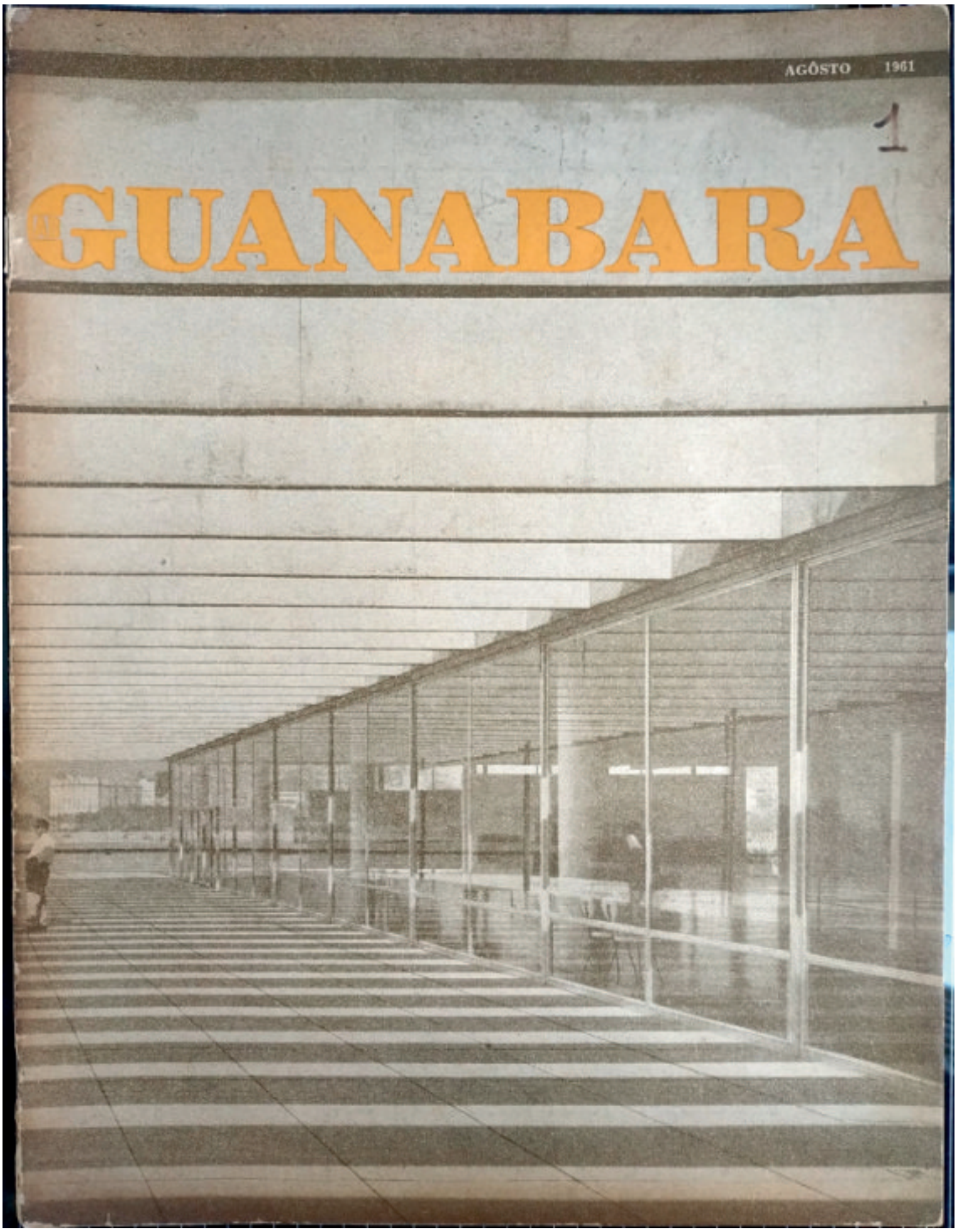
AGÔSTO 1961

1

GUANABARA





Experiências feitas com membranas asfálticas (Eng. Charles E. Williams, Chicago, U. S. A.) na impermeabilização de lages de concreto, demonstram que a segurança do processo recomendado pela Ondalit decorre exatamente do efeito da membrana compacta formado por 7 camadas impermeabilizantes, que vedam tôda passagem de umidade.

O processo recomendado e a aplicação de materiais impermeabilizantes é o seguinte:

A perfeita impermeabilização feita com o processo recomendado pelo ONDALIT assegura maior proteção e estética duradoura para sua obra. Consulte, sem compromisso, os distribuidores exclusivos

- 1 Camada de tinta primária, cuja função é vedar os poros da lage.
- 1 Camada de feltro asfáltico, 15 lbs. para dar melhor estrutura à impermeabilização.
- 3 Camadas asfálticas intermediárias, para colagem dos isolantes.
- 1 Camada de Eucatex isolante para isolação térmica.
- O telhado asfáltico em côres, impermeabilizante, refratário e resistente às intempéries e erosão.

ARTHUR VIANNA

CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Departamento ONDALIT
Rio: Av. Graça Aranha, 226 - 11º Tel. 22-2331
S. Paulo: Rua Florêncio de Abreu, 270 - Tel: 32-7101
Brasília: Av. W 3 - Q 14 c - Lote 12 - Tel: 21-971
B. Horizonte: Av. Santos Dumont, 227 - Tel: 2-3723

FUNDAÇÕES EM GERAL - INFRA-ESTRUTURAS - RUA SANTA LUZIA, 799 - 16.º ANDAR - RIO DE JANEIRO

ENGENHARIA DE FUNDAÇÕES S.A.

ENGENHARIA
DE
FUNDAÇÕES
S.A.

FUNDAÇÕES EM GERAL - INFRA - ESTRUTURAS - RUA SANTA LUZIA, 799 - 16.º ANDAR - RIO DE JANEIRO

Uma nova Expressão da Arquitetura Brasileira!

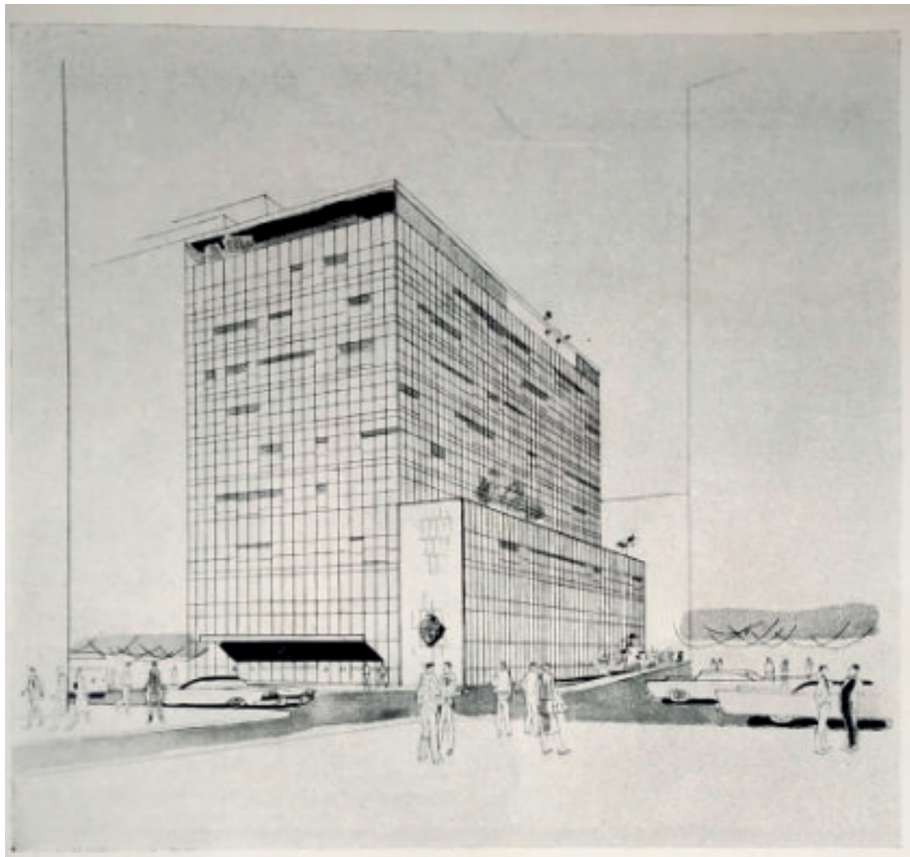
O arquiteto brasileiro, que pela versatilidade de suas concepções, pelo arrôjo de sua técnica apurada, ganhou a admiração e o respeito dos povos de todo o mundo, possui agora uma nova forma de expressão: a REVISTA OFICIAL DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL.

Criado para divulgar, analisar, expôr e debater todos os aspectos da moderna arquitetura, o orgão oficial da classe se imporá como porta-voz de seus associados e como fiel relator dos serviços prestados pelo Instituto dos Arquitetos à comunidade brasileira.

Íntimamente ligada às atividades da arquitetura brasileira e honrada de participar de suas notáveis realizações, a COMPANHIA CERÂMICA BRASILEIRA, saúda a REVISTA OFICIAL DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL, desejando-lhe longa vida e muitas vitórias.

CB **COMPANHIA CERÂMICA BRASILEIRA**

Rua Visconde de Niterói, 132



COMPANHIA CONSTRUTORA PEDERNEIRAS S. A.

Engenharia Arquitetura Construções

Av Graça Aranha, 226 - 5.º pav.
Rio de Janeiro

Bank of London & South America Limited
Filial de São Paulo
Projeto: Henrique E. Mindlin
Construção - Companhia Construtora Pederneiras S.A.

PISOS E REVESTIMENTOS ESPECIAIS

LAJOTAS ESMALTADAS VICS PARA PISOS E REVESTIMENTOS - ARENITOS S. TOMÉ, MARIANA E PASSAGEM PEDRA VERDE E RÓSEA DA BAHIA, MARMOREX, AZULEJOS DE MÁRMORE, REVESTIMENTOS GRANULOSOS, REBÔCO COLORIDO, TIJOLOS DE VIDRO GRANITOS E MÁRMORES

FORNECIMENTO - ASSENTAMENTO - POLIMENTO

VISITE NOSSOS MOSTRUÁRIOS

ARENITO ltda.

ENG. - COM. - INDS.

Rua México, 98 s. 1212/13 tel. 52-6350

esquadrias metálica

ALUMINIO FERRO CONSTRUTORA S. A

escritórios
rua álvaro alvim, 31. 16.º pav
telefone: 52-1931
fábrica
rua moacyr de almeida, 179
telefone 29-0092

não procure
tão longe...

a solução de seu problema

Agora você não precisa mais quebrar a cabeça
para encontrar um novo material.
Resolva o problema com FILON
a mais moderna e perfeita chapa plástica, reforçada
com fibra de vidro e nylon, já fabricada no Brasil.
Mais côr, mais luz, mais confôrto, mais beleza.

Distribuidores em todo o País

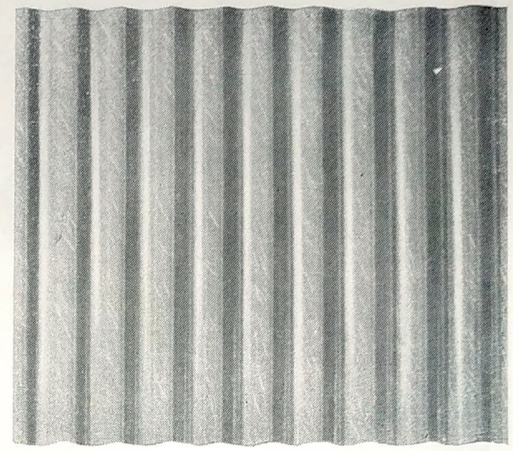
Um produto das

INDÚSTRIAS REUNIDAS VIDROBRÁS LTDA.

Praça Dom José Gaspar, 30, 8.º andar, fone 33-6667, S. Paulo

FILON

FILON®





O apartamento está comprado...



Foi um bom negócio!

Foi um bom negocio porque representa um investimento solido. Por muito tempo, o apartamento não dara preocupação. O material é de primeira qualidade. Vê-se pelos elevadores! Sim! Durante a construção, uma placa falava da excelência do material empregado: "Aqui há Otis"!



OTIS lhe garante funcionamento perfeito, permanente, e menores gastos com manutenção. **Onde há Otis... há tranquilidade.**

ELEVADORES OTIS S. A.

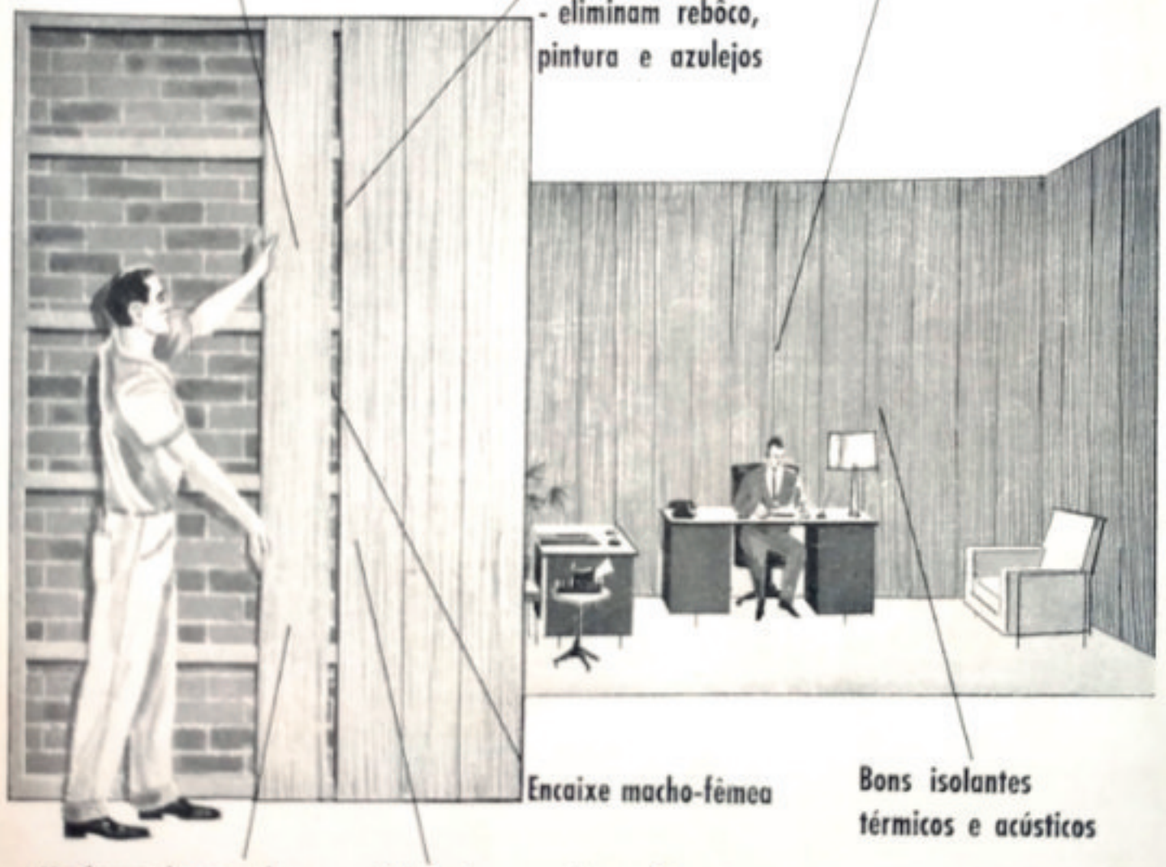
ONDE TUDO É DE PRIMEIRA... HÁ OTIS!

LAMBRIS FORMIPLAC

Econômicos - aplicam-se diretamente nos tijolos, paredes, sem colagem

Colocação rápida - eliminam rebôco, pintura e azulejos

Ficam sempre novos, sempre belos, não racham e não desbotam



Encaixe macho-fêmea

Bons isolantes térmicos e acústicos

Nenhuma despesa de manutenção: limpeza com pano úmido

Fabricados com chapas fôscas Formiplac de 3,07m x 30 cm larg. em vários padrões



FORMI PLAC M. R.

Um produto exclusivo da

CIA. QUÍMICA INDUSTRIAL DE LAMINADOS

Rio: Av. Rio Branco, 57 - 5.º and. - tel. 23-9515 (rede interna)
S. Paulo: Av. Paulista, 2163-Conj. Nacional - tel. 37-2373 e 32-8212

Existe uma luta.

Nenhum arquiteto brasileiro que tenha consciência de seus deveres de arquiteto e de brasileiro pode se alheiar à luta básica de nossa profissão.

Todos, na medida de nossas possibilidades, devemos nos engajar, menos pelo interêsse da classe que pelo dever para com a coletividade, dever êste nascido no momento em que escolhemos a nossa profissão.

O trabalho, para todo cidadão, é tanto o meio de prover as necessidades suas e dos seus, quanto a maneira de contribuir com sua parcela no esfôrço conjunto pelo progresso e bem estar coletivo; o primeiro é um direito, o segundo um dever.

O profissional que é consciente da extrema necessidade de sua profissão para o desenvolvimento do país, e vê os enormes obstáculos, sejam de ignorância ou de baixos interêsses econômicos, que levam o país a não aplicá-la, sente o dever social de lutar para difundí-la, para vê-la aplicada em todos os setores e camadas.

É lamentável que ainda no ano de 1961 a profissão de arquiteto seja a única atividade cujo exercício é facultado, por obsoleta legislação, a profissionais extranhos à mesma e sem a devida formação.

Em conseqüência disto, e do caráter exageradamente mercantilizado que corrompe mais e mais a iniciativa imobiliária no país, apenas 12% do que se constroi é projetado por arquitetos, sendo que esta percentagem atinge apenas uma camada privilegiada da população.

Paralelamente, temos que 88% do trabalho e riqueza coletivos empregados na atividade construtora do país são sacrificados no mau aproveitamento, no desperdício, frutos da mais completa ausência de planejamento.

Esta percentagem, se bem projetada, pelos devidos técnicos, lògicamente renderia mais, atingiria maior quantidade de população, servindo-a com melhores, ou seja, mais humanas condições.

Em um país que pretende ser desenvolvido, cultural e econômicamente, é absurdo que perdure tal situação, assim como é inadmissível que continuem nascendo e crescendo cidades por todo o território, alheias ao mais elementar planejamento, inteiramente subjugadas aos interêsses monetários da especulação imobiliária.

Vítima dêstes interêsses descontrolados, continua sendo sacrificado, (além do capital e do trabalho, do terreno, da paisagem) o ocupante, isto é, o homem.

O déficit habitacional, estimado em 2.400.000 de moradias em 1950, aumenta de 200.000 habitações por ano.

Dos 2.200 arquitetos existentes neste país, cuja real demanda é várias vêzes superior a êste número, apenas 40% têm oportunidade de prestar à coletividade o serviço de que ela, sem o perceber, tanto precisa.

O Instituto de Arquitetura do Brasil de muito assumiu o seu lugar na luta pela afirmação da profissão de arquiteto no Brasil, cumprindo assim, o seu dever social, como órgão profissional e cultural, e ainda na qualidade de órgão de classe, chamando a si também a defesa das condições de trabalho de seus representados.

O Departamento da Guanabara sempre se colocou na frente de combate, mantendo alta a sua voz, tanto no sentido de esclarecer a população e as autoridades sôbre as finalidades e a importância social de nossa profissão, como no de defender o exercício da mesma dos ataques daqueles interêsses baixos que, alheios à mesma, se acostumaram a explorá-la torpemente, visando apenas o lado comercial, em sacrifício do atendimento das necessidades humanas.

Esta revista, desde o primeiro número, se engaja na linha de frente, ao lado do Departamento e de todo o Instituto, na luta pela consolidação da profissão de arquiteto no Brasil.

Nossas páginas estarão sempre abertas aos que quiserem lutar a nosso lado, pelos nossos objetivos, que são:

Uma consciência da necessidade de planejamento.

Uma política nacional de habitação.

A reforma da legislação profissional.

A ampliação do mercado de trabalho para o arquiteto.

Maior divulgação dos princípios básicos da arquitetura.

Defesa do nosso patrimônio estético natural e edificado.

IAB-GUANABARA — REVISTA MENSAL DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL — DEPARTAMENTO DA GUANABARA — REDAÇÃO: SEDE DO IAB-GB — AVENIDA RIO BRANCO, 277, GRUPO 1301, RIO — TEL. 22-1703

CONSELHO DE REDAÇÃO: MAURICIO ROBERTO, PRESIDENTE; AFFONSO EDUARDO REIDY, EDGARD GRAEFF, ERNANI VASCONCELLOS, HENRIQUE MINDLIN, ÍCARO DE CASTRO MELLO, MARCELO ROBERTO, MARCOS KONDER NETO, OSCAR NIEMEYER, PAULO ANTUNES RIBEIRO, PAULO SANTOS, SYLVIO DE VASCONCELLOS.

DIREÇÃO RESPONSÁVEL: CARLOS EUGENIO HIME E GERALDO NOGUEIRA BATISTA — DIREÇÃO EXECUTIVA: MOYSÉS GANDELMAN — DIREÇÃO DE DIVULGAÇÃO: ALFREDO L. BRITTO — DIREÇÃO REPRESENTANTE: MAURICIO NOGUEIRA BATISTA.

ESTA PUBLICAÇÃO ALCANÇA TODOS OS ARQUITETOS DO BRASIL, INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, ASSOCIAÇÕES DE CLASSE NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, FIRMAS CONSTRUTORAS, INDÚSTRIAS, ÓRGÃOS FEDERAIS E ESTADUAIS.

IAB

GUANABARA

EQUIPE GRÁFICA: HIME, NOGUEIRA, GANDELMAN — COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA EDITORA ITAMBÉ S. A. — CLICHERIA E ESTÉREOS: CLICHERIAS REUNIDAS LATT-MAYER S. A. — CONTACT: SYLVIO RAUL VELTRI.

PREÇO DÊSTE EXEMPLAR: CR$ 100,00

CAPA: PÉRGOLA DO MAM; FOTOS DO MAM POR AERTSENS MICHEL

Assembléia Legislativa de São Paulo

ADOLPHO RUBIO MORALES
RUBENS CARNEIRO VIANA
RICARDO SIEVERS



Apresentamos, em nosso primeiro número, o projeto vencedor do concurso para a sede da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, de autoria dos arquitetos Adolpho Rubio Morales, Rubens Carneiro Viana e Ricardo Sievers.

PARTIDO

No partido do ante-projeto vencedor o Plenário é o centro do Poder Legislativo. Tôdas as suas atividades são por êle determinadas. A proximidade dos serviços necessários ao seu perfeito funcionamento, implica numa solução em plano horizontal. Daí o partido — bloco único horizontal".

Partiram os arquitetos da premissa de que o Poder Legislativo exige que se imponha pela segurança, sobriedade e nobreza. Não é edifício de uso comum, prestado para ser visto por quem passa, mas sim para quem a êle se dirija, seja público, funcionários, deputados ou visitantes nobres. Portanto, a criação de um espelho d'água que envolve todo o prédio, é inserido numa ampla esplanada nobre que, funcionando como antecâmara a céu aberto, emprestará a imponência e dignidade que lembram melhor a alta função social e econômica do Poder Legislativo".

TRATAMENTO

O embasamento e coroamento do edifício será em granito cinza, e as paredes e rampas de acesso serão de mármore branco. Os elementos vazados que aparecem nas fachadas serão de alumínio fundido nas dimensões de 1 metro por 65 centímetros e com 30 centímetros de profundidade. Internamente, as paredes mais nobres serão tratadas com mármore, painéis e madeira.

LOCALIZAÇÃO

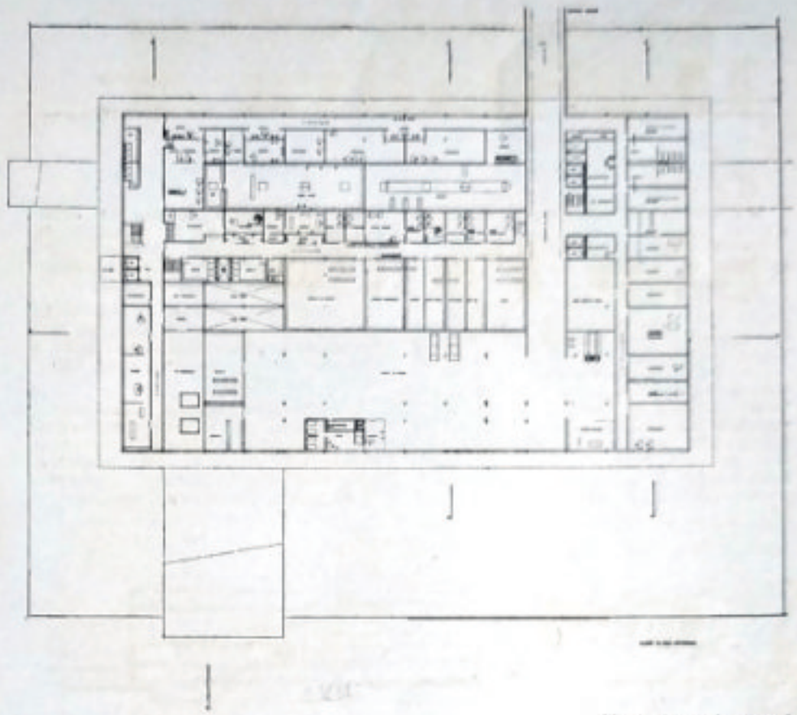
O edifício será construído ao lado do Parque do Ibirapuera, ou seja, dentro da grande área existente na avenida Brasil, esquina com a rua Manoel da Nóbrega. Haverá uma grande esplanada e uma praça ajardinada. A fachada principal do edifício poderá ser vista, por quem estiver à frente do Monumento às Bandeiras, do lado esquerdo dêste e a uma distância de aproximadamente 80 metros. Assim, a fachada lateral direita do prédio dará para a avenida Brasil, ao lado do lago do Parque do Ibirapuera.

ACESSOS

Quatro rampas darão acesso ao edifício e, com exceção da lateral direita, que estabelece ligação direta entre a avenida Brasil, e o segundo pavimento, as demais alcançam o primeiro. A rampa da fachada principal destina-se ao "hall" administrativo, a da direita à entrada do "hall" político e a posterior servirá de entrada especial para deputados. Estas terão 8 metros de largura.

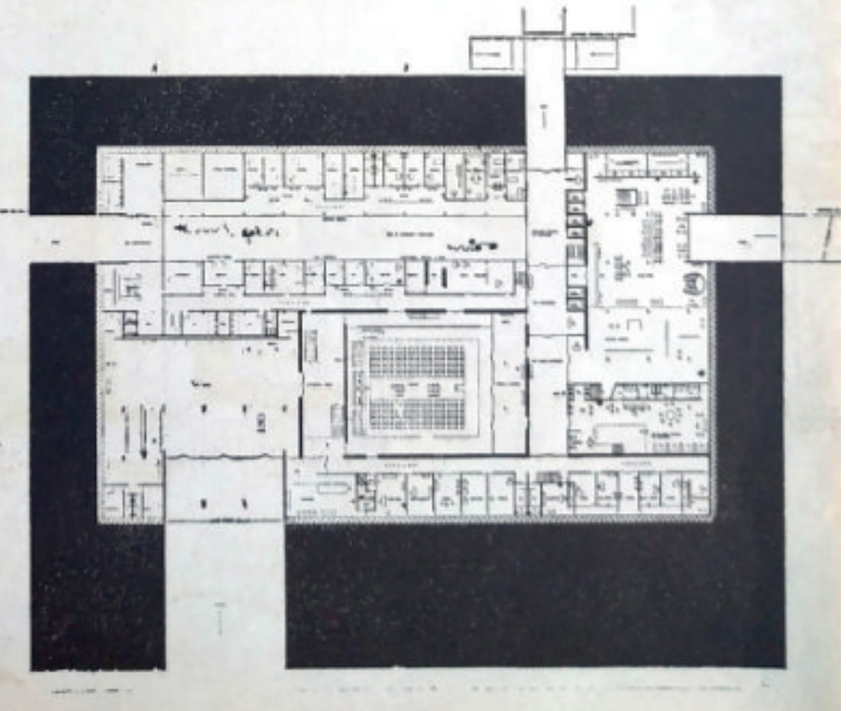
SEMI-ENTERRADO

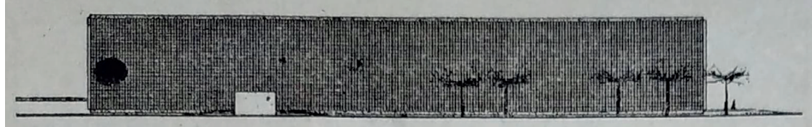
O pavimento semi-enterrado não será visível e se localizará dentro do grande espelho d'água. Sua iluminação parcial será obtida através de uma faixa aberta, na altura máxima da parede, junto à laje do primeiro piso. Nesse pavimento serão distribuídas as instalações de ar condicionado, garagem para 25 carros e serviços gerais.



Planta do semi-enterrado

Planta do 1º pavimento.





Os demais pavimentos abrigarão as seguintes funções:

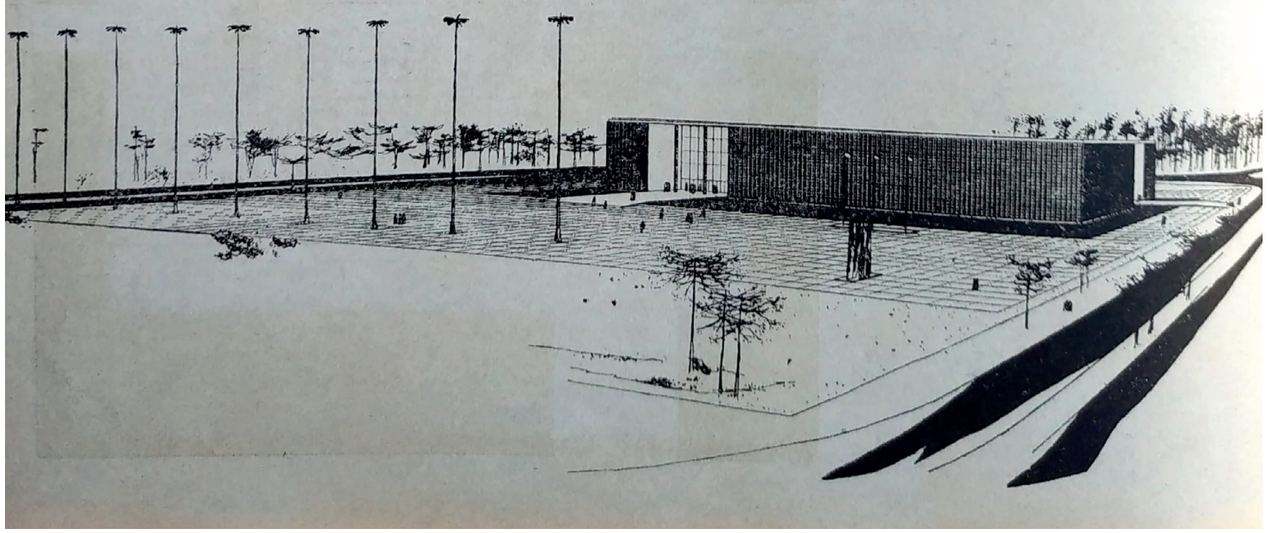
1 — Plenário (16 metros de altura), gabinete dos membros da Mesa, salão privativo dos deputados, cabines telefônicas, cerimonial, recepção nobre, salão do café, assistência técnica da Mesa, serviços médicos, e dependências sanitárias completas.

2 — Gabinete dos membros da Mesa, sala de imprensa, sala de estar (deputados), tribuna de imprensa e tribunas especiais (debruçadas para o Plenário), taquigrafia, parlatório dos deputados e sede da AFALESP — Associação dos Funcionários da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.

3 — Plenarinhos, divisão dos serviços legislativos, salão de reunião e biblioteca da AFALESP, parlatórios, comissões e galeria das tribunas populares (debruçadas para o plenário).

4 — Parlatórios, sala de cursos da AFALESP, tribunas populares dos plenarinhos, e, ainda debruçados para o Plenário, serviços de som e de televisão da Assembléia.

5 — Terraço pergolado semicoberto, de 45 metros por 30 metros, bibliotecas para deputados, público e funcionários, restaurante privativo dos deputados, restaurante dos funcionários, alojamento da guarda com terraço privativo.



INQUÉRITO NACIONAL DE ARQUITETURA

O Suplemento Dominical do «Jornal do Brasil» publicou nos inícios dêste ano um trabalho denominado «Inquérito Nacional de Arquitetura», cujo intuito era fazer um levantamento do pensamento dos arquitetos brasileiros sôbre a situação de nossa arquitetura de hoje, de suas relações com o contexto sócio-econômico do País, seus problemas, definições e perspectivas face à arquitetura contemporânea. A idéia dêste trabalho partiu do crítico Ferreira Gullar quando ainda respondia pela coluna de Artes Plásticas dêste suplemento. Após agumas conversações, elaboramos o questionário composto de 10 perguntas consideradas fundamentais, e indicamos os 29 nomes baseados num critério que encerra-se em dois grupos.

O primeiro composto por arquitetos que atuaram decididamente na implantação de uma arquitetura viva e atual em nosso País e que, até hoje, são os vanguardeiros neste setor de nossa cultura. Seus nomes já chegaram ao conhecimento público, tendo por vêzes alcançado a projeção internacional; neste caso situamos — Affonso Eduardo Reidy, Gregori Warchavchick, Henrique E. Mindlin, João B. Vilanova Artigas, Lúcio Costa, M.M.M. Roberto, Oscar Niemeyer, Rino Levi, Sérgio W. Bernardes e Sylvio de Vasconcellos.

O segundo grupo encerra arquitetos jovens que buscam novas posições frente ao pensamento arquitetônico brasileiro, mas que, devido ao limitado tempo de atuação, estão restritos, em conhecimento, ao âmbito profissional; são êles — Acácio Gil Borsoi, Adolpho Rúbio Morales, Carlos Maximiliano Fayet, Demétrio Ribeiro, Edgar A. Graeff, Flávio Marinho Rêgo, João Henrique Rocha, José Cláudio Gomes, Marcello Acioly Fragelli e Marcos Konder Netto.

A todos foi enviada com data de 8.11.60, uma carta-convite onde expúnhamos as finalidades do Inquérito e anexando o questionário que ficaria aberto à inclusão de qualquer observação necessária ao arquiteto.

Nesta ocasião, o IAB-GB deu sua aprovação à iniciativa, considerando-a importante para nosso acêrvo cultural. E hoje, ao lançarmos nossa Revista, nos valemos de seu âmbito nacional, para uma melhor divulgação dêste trabalho.

Alfredo L. Britto



Acacio Gil Borsoi

Nascido em 2-10-1924. Formou-se na Faculdade Nacional de Arquitetura, U.B. em 1949. Passou a lecionar, em 1956, a Cadeira de Grandes Composições de Arquitetura, na Escola de Belas Artes de Pernambuco, da Universidade do Recife. Em 1959, com a separação de cursos, assume a mesma Cadeira na Faculdade de Arquitetura. Representou a U.R. no Congresso Pan-Americano de Arquitetos, no México, em 1952. Membro da comissão de reforma de ensino de arquitetura na FAUR. Representou esta faculdade em diversos Congressos e Encontros de Arquitetura, no País. Integrou a comissão de julgamento do concurso para a Assembléia Legislativa de Pôrto Alegre. Membro da banca examinadora do concurso para a Cátedra de Teoria de Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul.

Trabalhos realizados — Planejamento para as Usinas São João, Santa Helena (Est. da Paraíba) e Ilha Bela (Rio Grande do Norte); Museu de Arte Moderna; Museu de Arte Popular e Galeria de Arte, em Recife; projetos para edifícios industriais e clubes; residências particulares em Recife, João Pessoa, Natal, Patos e Fortaleza. Edifícios e conjuntos residenciais para emprêsas imobiliárias.

Concursos — Classificado no primeiro grupo no concurso para o Monumento a Rui Barbosa (Rio de Janeiro). Classificado em 1º lugar no Concurso Ambiente (São Paulo), 1960.

Adolpho Rubio Morales

É paulista, do Município de Xavantes, onde nasceu aos 12 de janeiro de 1924. Realizou seus estudos superiores na Faculdade Nacional de Arquitetura, U.B., formando-se em 1951. Logo após formar-se, voltou para São Paulo, fixando trabalho na Capital do Estado. Obteve importantes prêmios no País e no exterior, como no recente concurso da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.

Affonso Eduardo Reidy

Nasceu em 1909, aos 26 dias de outubro, na Cidade de Paris, França. Cursou a Escola Nacional de Belas-Artes, recebendo seu diploma de arquiteto em 1930. Ainda estudante, ingressou no Serviço Público Municipal. Foi chefe da Divisão de Arquitetura, chefe de Serviço de Planejamento do Departamento de Habitação Popular e Diretor do Departamento de Urbanismo da antiga Prefeitura do Distrito Federal. É docente livre da Faculdade Nacional de Arquitetura, tendo lecionado as Cadeiras de Pequenas Composições de Arquitetura e de Teoria e Prática dos Planos de Cidade, esta última do Curso de Urbanismo da referida Faculdade. Fêz parte da equipe de arquitetos que projetou o edifício do Ministério da Educação, hoje Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro. É autor, dentre outros, dos projetos dos conjuntos residenciais de Pedregulho e da Gávea, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, do Teatro Popular de Marechal Hermes e do Colégio Experimental Paraguai-Brasil. Durante os diversos períodos em que foi diretor do Departamento de Urbanismo projetou, também, a urbanização do centro da Cidade, compreendendo a área resultante do desmonte do Morro de Santo Antônio e a faixa conquistada ao mar ao longo da Avenida Beira-Mar.

A par de sua expressão formal, teve a arquitetura contemporânea brasileira um desenvolvimento equivalente nas investigações dos demais componentes arquitetônicos — soluções funcionais, estruturais e construtivas?

AGB — Pensamos que a arquitetura brasileira não teve desenvolvimento equivalente à sua expressão formal, nas investigações das demais componentes arquitetônicas. Justificável, em parte, pelo desequilíbrio econômico que atravessa o povo brasileiro.

ARM — Desenvolvimento equivalente? Creio que não teve. Porque no Brasil, estas componentes se circunscrevem ao ato de projetar, quando deveriam coexistir na *estrutura* que caracteriza a elaboração de um projeto. Para o devido entendimento, bastará transcrever anotações que dão medida do nosso comportamento em relação ao projeto.

"O arquiteto no Brasil, e sobretudo em São Paulo, gasta mais tempo em tarefas de rotina, que na elaboração. E aqui, uma vez disparado, seja pela urgência da obra ou seja pela necessidade de fazer dinheiro, ou, ainda, acompanhando uma pressa geral, o arquiteto apela para um vale-tudo que *carrega* o projeto de soluções cansadas."

"Vício nosso é pesar um projeto pelo grau de expressão estética e acrescentar qualificativos tais como: leveza, simplicidade, horizontalidade, pureza de linhas etc. O restante do projeto participa com relativa importância, porque pouco serve à intenção plástica. O *partido* explica, justifica e determina tudo; mesmo com argumentação tecnicista, entre nós isto não passa de uma redundância à fatura estética."

"O arquiteto é um *inventa-moda*. Cria problemas. Firma-se e reage por fôrça do que concebeu, mas, também, pelo jôgo da afirmação pessoal. Habituou-se a propor arquitetura em lugar de solucionar com arquitetura. E conta com a ajuda do *quebra-galho*, processo êsse que obriga técnicos e colaboradores a esforços e artifícios que só a envergadura publicitária pode explicar."

"O arquiteto brasileiro é um fugitivo da obra. A fiscalização da execução de seu projeto, quando a exerce, é desincumbida sob um pêso de angústia. Entretanto, é a hora de esquecer a prancheta para realizar experimentos ensejados pela vivência direta e atuante no campo da percepção."

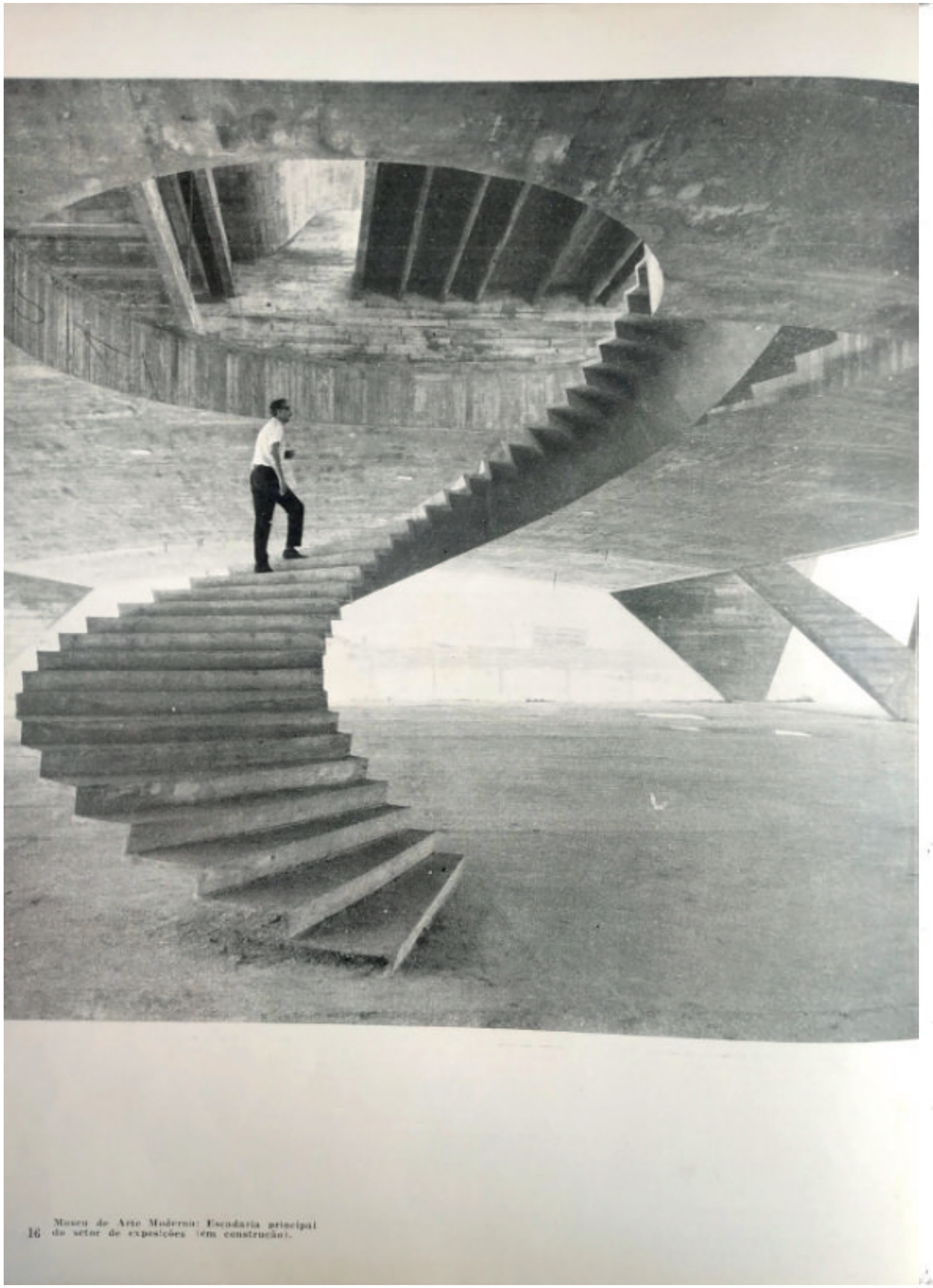
"O *facilismo* cultural nosso, cria o campo favorável para a atuação e argumentação com base na sensibilidade. No mesmo grau que o número lembra o mêdo à matemática, a côr, a linha e o volume envolvem mistérios, que exigem respeito. Com estas heranças de mêdo e de respeito, agravadas com a crise da leitura, tem o arquiteto o meio ajustado para um resultado mais falaz. Acostumado, também, a ler pouco e a acreditar mais no que vê, êle, com um ôlho na revista e o outro na publicidade industrial, tem uma tarefa em que o raciocínio estratifica-se na idéia de aplicar o já visto. A prática de pensar com sentido num equilíbrio técnico- artístico, o que seria uma questão de exercício, as condições de atuação do arquiteto, no Brasil, ainda não permitem estabelecer."

"O arquiteto, no Brasil, escreve pouco. Mesmo quando participa de concursos. Vê-se que sua autêntica expressão é a obra, ou o projeto. Isto, porque é da publicação de projetos que tira as *suas* conclusões, porque é a obra realizada que se certifica da validez do *seu* projeto, ao dar partido para um tema novo." Esta é a *cadeia de conhecimentos* de que se serve o arquiteto brasileiro.

Não seria justo afirmar-se que a tecnologia não tenha acompanhado o desenvolvimento que a arquitetura contemporânea brasileira teve na sua expressão formal. O baixo nível de qualidade que apresentam, muitas vêzes, as construções em nosso País, e que muito compromete a nossa arquitetura, não resulta da falta de técnicos capazes nem de deficiências das nossas indústrias. A principal responsável pelo presente estado de coisas, talvez tenha sido a *indústria das incorporações*, que aviltou a qualidade da construção e habituou a maior parte das firmas construtoras a trabalhar dentro de um padrão muito baixo. Essa é a razão pela qual constituem excessões as construções de elevado nível tecnológico, cuja realização é limitada pelo alto custo que representam.

AER — Não se pode negar que a arquitetura contemporânea brasileira apresenta características que a distinguem, que conferem, mesmo às suas mais diferentes realizações, um certo ar de família. Esse denominador comum resulta da presença de um conjunto de fatôres, entre os quais podemos mencionar os seguintes: uma particular sensibilidade dos arquitetos às condições regionais, tendo constante preocupação de obter soluções adequadas ao clima, desenvolvendo os mais variados sistemas de proteção contra o calor, os quais, muitas vêzes, constituem elementos de grande riqueza plástica; integração da estrutura como elemento marcante da composição, oferecendo, freqüentemente, motivação ao seu aspecto formal; quase sempre o encontro de soluções claras e simples, mesmo para os problemas mais complicados que são solucionados com generosidade e largueza. A riqueza da flora, a dramaticidade da paisagem e a fôrça do sol, talvez sejam responsáveis pela tendência, bastante freqüente, para uma certa exuberância formal. Isto tudo, porém, não anula as grandes e muitas vêzes profundas diferenciações que se encontram nas realizações de alguns dos seus mais representativos arquitetos. Diferenciações de ordem conceitual e de sensibilidade pessoal.

Pérgola e pátio interior do Museu de Arte Moderna; arquiteto Affonso Eduardo Reidy.



16 Museu de Arte Moderna: Escadaria principal do setor de exposições (em construção).

Qual o papel do arquiteto brasileiro no momento sócio-econômico do País?

AGB — O papel do arquiteto no presente momento é o de um profissional que devia ser muita coisa e que ainda não está devidamente preparado. Formado em padrões anacrônicos, de cultura em certos aspectos limitada, desenvolvendo uma arquitetura de elite, não se tem dado ao trabalho de pensar nos problemas da massa e planejamento. Assim, apanhado por um surto de desenvolvimento industrial, vê outras profissões arrebatar-lhe a qualidade de planejador, chefe de equipe, e com o perigo de ser totalmente alijado e colocado em segundo ou terceiro plano, como acontece no caso da SUDENE, em que aquêle profissional foi esquecido de seus quadros técnicos.

ARM — Os arquitetos ou são os Marginais, obstinadamente afastados da conjuntura econômico-social do País, ou são os Lançados que, com os olhos fitos no progresso pessoal, acompanham de perto o desenvolvimentismo brasileiro. Os primeiros reagem renegando planos ou metas, consubstanciados em efeitos promocionais através de quadros, tabelas, números, esquemas etc.; os segundos participam apenas orientados pela necessidade imediata de resultados palpáveis, amplamente palpáveis. Entretanto, uns e outros não atuam no campo da ação direta, atuam furtivamente, remotamente, até onde a atividade intelectual do pif-paf de inteligência nas rodinhas amigas e a divulgação jornalística das conquistas profissionais possam transpor a barreira do desentendimento geral.

Em verdade, a tomada de uma posição, já há muito vislumbrada e só agora alentada, exige um balanço realista da situação, onde a descarga da responsabilidade profissional, por um lado, e o vazio da desinteligência, por outro, não concorram para o agravamento de muitos fatos já agora negativos. Do que concerne ao arquiteto, caberia lembrar até que ponto a inovação desordenada e a proposição estética desmedida implicam no regime da construção e posteriormente na situação econômico-social reinante. Até que ponto somos veículos do uso de sistemas e de unidades arquiteturais, no domínio da habitação, da recreação, do ensino, da saúde pública, sem que por injunções políticas, ou por falta de recursos ou por vícios de elaboração sejam êstes sistemas e unidades truncados no seu escopo original, inadequados pela insuficiência de dados ou ainda abastardados pela negligência profissional? Até que estágio o simples fato de admitir o valor de coordenar equipes no trabalho do projeto pode nos afigurar a possibilidade de comando ou mesmo de cooperação em tarefas de fôlego, onde outros profissionais de outros misteres ou de outras atividades também sofrem os problemas de uma estruturação mal ajustada? O arquiteto, amarrado às suas funções de oficial da prancheta, sob a tutela de ensinamentos postos em prática desenfreada, bem como acomodado na situação de Lançado ou de *Marginal*, desprovido portanto de estímulos maiores e gerais, o arquiteto poderá caminhar em paralelo com outros profissionais ou com profissões outras sem que esteja comprometido para o futuro, quando já não possa corresponder aos programas de um desenvolvimento geral alicerçado numa transformação ampla?

AER — O arquiteto brasileiro tem um importantíssimo papel a desempenhar. A êle caberá intervir no planejamento, influindo decisivamente na solução dos problemas ligados ao bem-estar social. O elemento humano deverá ser o centro de tôdas as suas preocupações e o módulo a que deverão referir-se tôdas as medidas. Compete ao arquiteto criar ambientes físicos que facilitem o pleno desenvolvimento das atividades relacionadas com a vida da comunidade, proporcionando condições adequadas para morar, trabalhar, cultivar o espírito e o corpo, e transportar-se.

Ao projetar deve o arquiteto partir de uma forma intuitiva ou do equacionamento de elementos técnicos e dados objetivos?

AGB — A arquitetura é arte e criação, mas antes de mais nada (como diz Lúcio Costa) construção; mas construção concebida, com o propósito primordial de ordenar o espaço para determinada finalidade e visando determinada intenção. E, como tal, deve o arquiteto partir de um conhecimento exato das necessidades humanas em todos os seus aspectos.

ARM — Considerando o projeto como uma resultante de precisões cujo sentido se substancia na motivação consciente, o ato de projetar será qualificado como uma sucessão de momentos onde a forma poderá ser a geratriz constante. Mas a forma aflorará sempre quando outras entidades estiverem retidas ou alienadas. Êste afloramento depende portanto do *quantum* consciente no ato de projetar; outros elementos, mesmo técnicos, outros dados, mesmo objetivos, interferem ou se inferem conforme o grau de racionalização adjudicado à aplicação consciente. Chegados a um projeto, e admitido que a maquete, a perspectiva bem lançada e os artifícios de desenho na prancheta são têrmos de certeza no vir-a-ser da obra, conseqüências da escassa visualização e do diminuto poder de fixação do experimento *in loco*, estamos alimentando esforços particularizantes por efeito de racionalização; e então os demais elementos participam assessorando uma argumentação de ordem restrita que pode acarretar o afloramento do aspecto formal. Se, por outro caminho, o ato de projetar está comprometido pela utilização de conhecimentos técnicos e pela preservação dos dados objetivos, com intenção precípua de solucionar um programa de necessidades humanas através do instrumento intuitivo, o seu processamento psicológico estará apenas contido nas limitações próprias de cada arquiteto; a obra, embora confundida como um amontoado de materiais, vem dotada de univocidade capaz de tornar autêntica a realização arquitetônica. Há aqui um vínculo à integração das entidades objetivas e subjetivas, atuantes na elaboração, em lugar de apêgo ao fracionamento de parcelas sob o impacto de um resultado prejulgado.

AER — A idéia básica de um projeto tem muito de intuitiva, mas, diríamos, de uma intuição dirigida. O mecanismo da intuição seria estimulado e orientado pelo estudo dos dados objetivos, como sejam o programa das necessidades a serem atendidas, o ambiente físico natural, os meios técnicos e financeiros disponíveis, etc.

Que pensa das correntes Organicista e Racionalista como tendências de arquitetura contemporânea? Quais suas relações com a realidade brasileira?

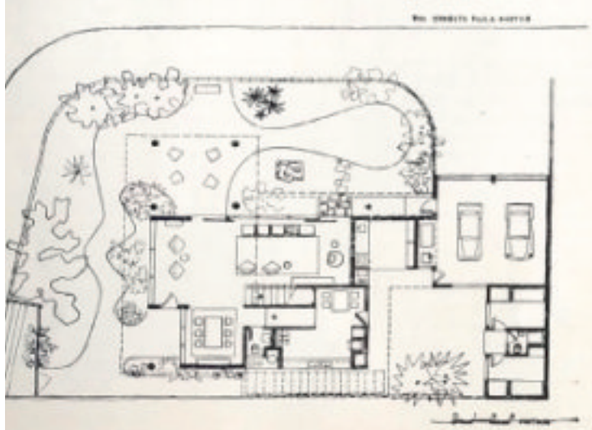
AGB — Êste assunto, bastante discutido entre nós, ainda não está amadurecido. Uns situam-no como se fôssem verdadeiras escolas, outros como atitude do arquiteto perante o projeto a realizar. A descoberta de Wright para alguns jovens arquitetos brasileiros é coisa nova. Assim como para outros, surge Mies van der Rohe. O que sentimos é a necessidade de crítica e debates para firmar opinião. Pensamos que em ambos os casos a coisa gira em tôrno de uma forma original, e que muito embora tenhamos atravessado todo um período, dito por alguns, racionalista (na linha de Le Corbusier), poucas foram as obras que se aproximaram em conteúdo do espírito dêste grande mestre.

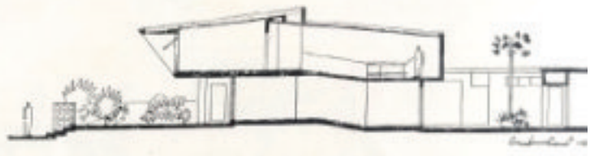
Insistimos em uma crítica construtiva, e neste particular louvamos a iniciativa do SDJB, sugerindo que atinja também as obras dos nossos arquitetos mais representativos, como meio de elevação de nossa cultura.

ARM — Se entendermos que a corrente racionalista estribou-se na construção para um intento precipuamente estético e forçado ao raciocínio lógico para uma programática total em arquitetura, seria de esperar-se uma contraproposta consubstanciada nos anseios vivenciais, cujos têrmos antípodas do racionalismo confiram realidades e particularidades que sirvam à elaboração arquitetônica, apartadas da tirania do material. E dizemos contraproposta no lugar de reação, pôsto que não se filia a nenhum propósito revolucionário; ao contrário, propõe, em contrapartida a todo artifício ou jôgo racionalizante, o fato humanizado, vivido e percebido intuitivamente.

O têrmo *orgânico*, em que pesem as confusões, deve sugerir nascimento, crescimento, reprodução e morte — o encadeamento do ser vivente, isto é, o têrmo *orgânico*, não quer lembrar organização ou organismo, mas prestar-se ao condensamento de um fluxo de coisas que intervenham na arquitetura tornando-a mais natural sem dizer espontânea, mais sensível sem dizer maneirosa, mais humana sem dizer cerebral. Esta é uma explicação que procuro dar a mim mesmo, apartado da cronologia e do historicismo que levaria ao movimento atual na Europa ou nos Estados Unidos; mais atendendo a uma experimentação pessoal mediante um apanhado geral de causas e efeitos. Que em última análise dizem mais da minha suspeita relativa às heranças racionalistas via Brasil e







Acácio Gil Borsoi: residência do arquiteto, alto, vista do estúdio e corte longitudinal; lado, planta do térreo; abaixo, vista para o jardim.



brasileiros, do que pròpriamente estabelecer condenações às obras de Le Corbusier, de Mies van der Rohe, de Gropius e de outros, ou menosprezar seus ensinamentos.

Causas: A proposição no jôgo de blocos ou dos volumes, segue um código que se inicia pela massa desmaterializada e geomètricamente contundente, continuando através de leis e regras de proporção matemática na determinação dos espaços intermediários e que vai findar na distribuição das áreas internas submetidas ao govêrno do volume ou da forma elegida. O tratamento dos confinamentos, volumes, panos, linhas, justapostos ou desligados, sofre uma composição abstrata, meramente pictórica e generalizante. Os *acompanhamentos* decorativos e paisagísticos solam demasiadamente intencionados de purismo ao ponto de distrair o sentido do espaço na arquitetura. Na articulação das peças, os espaços internos são servis a esquemas baseados em concepção tida e válida para tôdas as latitudes e casos.

Conseqüências: Os grandes panos de vidro criam problemas porque se atrevem a enfrentar os excessos de luminosidade; as telhas tèrmicamente desfavoráveis ou as coberturas planas atentam contra o sol, calor, vento e chuva, já sem falar nas calhas internas, nos condutores e tubulações embutidos, na ausência do beiral, que exigem manutenção, conservação ou mesmo substituição. Nos casos específicos que demandam aplicação apropriada de material ou de aparelhos de construção, recorre-se a uma solução congênere, ocasionando especificação ou execução mais ajustada à valorização plástica, condenáveis, levando em conta as particularidades da obra.

E quanto aos elementos de serventia, tais como grades de proteção, peitoris, corrimãos, escadas e ligações, portas e janelas de compartimentos menos importantes, demerecem a mulher, a criança e a velhice, sêres estranhos à arquitetura.

As questões topográficas, geológicas, climáticas, assim como fatôres históricos, sociais e econômicos ou de urbanismo, são encarados com atitudes ou contemporizações.

Os acréscimos de peças ou de blocos criam transtornos ao conjunto, à fachada, e são daí argumentados como desnecessários ou mesmo impossíveis de atender dentro do partido adotado ou da modulação escolhida.

Conquanto estas observações não contenham suficientes informes me servem para uma precária medida do desenvolvimento do racionalismo encontradiço na maioria das obras brasileiras.

AER — Duas correntes doutrinárias disputam presentemente a liderança da arquitetura contemporânea, procurando influir nos seus destinos. Le Corbusier e F. L. Wright são apontados como os expoentes máximos, respectivamente, das correntes ditas funcionalista e orgânica. Ambas se baseiam no tema do *plano livre*, isto é, aquêle onde as paredes, libertadas da sua antiga função estrutural de apoio, transformaram-se em simples elementos de vedação, livremente dispostos. Placas, geralmente de pouca espessura, planas, curvas ou onduladas, de materiais da mais variada natureza, definem o espaço interior, dando-lhe um sentido dinâmico de continuidade, em lugar de confiná-lo dentro dos limites de compartimentos estanques. O emprêgo de grandes superfícies envidraçadas confunde interior e exterior, e a natureza se integra ao espaço interior.

Na chamada arquitetura funcional, o plano desenvolve-se livremente, mas dentro de uma estrutura modulada ou ritmicamente ordenada. O espaço é contido num volume arquitetônico disciplinador, que não será, todavia, necessariamente, uma forma geométrica elementar. Já para os adeptos do movimento *orgânico*, o espaço interior transcende ao volume arquitetônico. Partindo de um núcleo central, projeta-se em tôdas as direções, sem qualquer contenção, num ostensivo gesto de libertação do que êles chamam o "rigor disciplinador do racionalismo". O movimento orgânico não estabeleceu raízes entre nós, não obstante o entusiasmo de alguns jovens arquitetos, provocado pela recente visita do brilhante crítico italiano Bruno Zevi, principal arauto do movimento que vem sendo difundido, nesses últimos dez anos, na Europa, e que tem, talvez, o seu maior número de adeptos na Itália. A maior parte das realizações dos arquitetos brasileiros, diríamos melhor, a sua quase totalidade, tem muito mais pontos de contato com a corrente dita funcional. Esta designação, entretanto, para referir-se à arquitetura contemporânea que não participa do movimento orgânico, é, a nosso ver, imprópria e está superada. Teve a sua razão de ser no período heróico, quando foi necessário opor ao academismo então reinante uma doutrina que correspondesse a imediatas exigências surgidas após a revolução industrial. Para derrubar os dogmas da academia e romper a estagnação que ela mantinha, foi preciso apelar para o racionalismo, tendo sido o o vocábulo *funcional* usado como palavra de combate no decorrer da campanha. Dessa época é a célebre definição de Le Corbusier "la maison est une machine à habiter". É certo que o simples fato de uma construção atender a finalidades puramente funcionais não é condição suficiente para que mereça a designação de obra de arquitetura. Entretanto, não se pode dissociar da arquitetura o seu aspecto utilitário, aquêle que lhe deu, inclusive, motivação. A arquitetura não pode ser considerada, apenas, como uma grande escultura vazada. O seu ajustamento ao fim a que se destina não lhe tira, de forma alguma, a sua condição de ser essencial e fundamentalmente obra de arte. Mas o que realmente melhor a define e a caracteriza é a sua concepção espacial.

Deve haver uma censura estética oficial, como no caso de Brasília ?

AGB — Somos contra qualquer cerceamento da capacidade criadora do arquiteto na base de uma censura estética oficial. Entretanto, a intromissão de outras profissões no campo de sua atividade, infelizmente admitidas por lei, justificariam, e só para essas, tal censura.

ARM — Pròpriamente não há censura estética oficial em Brasília; o que há é uma preservação do preestabelecido. Em verdade, o código de obras de Brasília é peculiar, pôsto que admite sòmente o atentado à estética; daí a contensão dos atos relativos à edificação sem mesmo considerar nas demais *Queixadas* que determinaram a disciplina encontradiça nos outros códigos. De fato, a atividade criadora, estimulada ou mesmo alicerçada na liberdade de proposição, ficaria reduzida a simples tarefa de manipulação de materiais e aparelhos de construção.

AER — A censura é uma faca de dois gumes. Seu objetivo é evitar a proliferação de monstrengos que possam quebrar a harmonia que deve existir num conjunto urbano, ofendendo o bom gôsto dos cidadãos. Por outro lado, poderá transformar-se, e é quase certo que isso aconteça, num instrumento de sujeição da liberdade criadora do arquiteto. Se a censura estética oficial fôr exercida por uma só pessoa, é natural e lógico que esta pessoa oriente sua ação de acôrdo ecm o seu gôsto e as suas preferências estéticas. Se fôr exercida por uma comissão, sua orientação será resultante da média das opiniões dos seus diferentes membros, e o resultado será inevitàvelmente a consagração da mediocridade.

Ambas as soluções conduzem à limitação da atividade criadora, afugentando o impulso de renovação, que devera estar sempre presente. Tôdas as cidades devem ter o seu Plano-Diretor. Êsse Plano reguiará o uso da terra, estabelecerá condições de higiene, de confôrto e segurança para as construções. Estabelecerá medidas relativas à preservação das suas belezas naturais e do seu patrimônio artístico. Fixará normas disciplinadoras dos volumes construídos e dos espaços urbanos. Mas que seja assegurado aos arquitetos influirem livremente nos rumos de nossa arquitetura, sem o dirigismo já tentado em outros tempos, em outros países e com tão melancólicos resultados. Creio serem menos prejudiciais os males decorrentes da ausência da censura estática do que os provenientes da imposição de uma estética oficial, seja ela qual fôr.

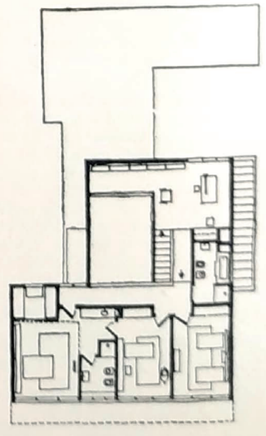
Qual seria o caminho para a solução do problema da Habitação no Brasil (favela, casa popular, habitação coletiva, individual, etc.) ?

AGB — Acreditamos que implicaria em uma reforma do sistema político-social-econômico do País.

ARM — A solução do problema da habitação no Brasil só necessita de um caminho: firmeza no propósito de resolvê-lo.

AER — O Brasil é um dos países que mais tem descurado o problema da habitação. Tem, pode-se mesmo dizer, ignorado a sua existência. Pouquíssimas têm sido as realizações nesse setor, ao passo que o deficit habitacional aumenta assustadoramente e, como conseqüências, as favelas crescem como cogumelos. Até hoje não houve, entre nós, uma tentativa séria para encaminhar o problema, enfrentando-o com a decisão necessária, em escala compatível com a sua magnitude. Refiro-me, é claro, à habitação para as classes menos favorecidas, onde mais se sente a falta da ação do Poder Público. O grande pro-





Acácio Gil Borsoi: residência do arquiteto. Acima, planta do 2º pavimento; ao lado, trecho da fachada principal.

blema da habitação popular está na desproporção existente entre o custo de uma habitação modesta, mas decente, e o salário do trabalhador. Essa situação, aliás, não ocorre apenas entre nós, mas em quase todos os países. Por mais que se procure reduzir o custo de uma habitação, o seu valor será sempre muito superior às possibilidades aquisitivas da maior parte dos trabalhadores. A habitação mínima, isto é, aquela que corresponde a um padrão mínimo de confôrto, condizente com a condição humana, não está ao alcance do poder aquisitivo do trabalhador de salário mínimo. Assim, antes de chegar a ser um problema de técnica, de arquitetura e de urbanismo, a habitação popular é um problema financeiro. Como enfrentá-lo?

Como obter os recursos necessários? A habitação popular, não sendo um empreendimento lucrativo, não pode interessar, como investimento de capital, à iniciativa privada. Assim, terá que caber, forçosamente ao Poder Público, o ônus da sua solução. Terá que ser considerada um serviço público como o são o abastecimento de água, o serviço de esgotos, os transportes coletivos etc. A intervenção do Poder Público poderá processar-se diretamente, construindo através dos seus órgãos executivos, ou indiretamente, em formas de subsídio.

Sendo a habitação um problema fundamental do urbanismo, o Plano-Diretor da cidade é que deverá indicar os locais onde, preferencialmente, deverão ser construídos os grupos residenciais, tendo em vista sua situação geográfica, suas condições econômicas, suas possibilidades em relação aos serviços públicos, ao transporte e ao mercado de trabalho. Não basta, porém, construir casas, individuais ou coletivas, para solucionar o problema, ou mesmo encaminhar a sua solução. É preciso que essas casas, sejam individuais ou coletivas, tenham nas suas imediações, ao seu alcance fácil, todos aquêles serviços e instalações, necessários à vida de todos os dias: a escola, para as diferentes idades escolares, acessível às crianças mediante curto percurso a pé, em segurança, livres do perigo de serem atropeladas; o pôsto de saúde, para prestação de assistência médica e dentária; o pequeno mercado local, para o abastecimento de gêneros alimentícios; o *play-ground*, os campos de jogos, o ginásio coberto e eventualmente a piscina, para a prática do esporte e a recreação; o clube social, onde os membros da pequena coletividade poderão reunir-se, dispor de uma biblioteca, de uma sala de projeções, etc. Nesse grupo de instalações que constituirá um prolongamento da habitação, realizar-se-ão as atividades cotidianas de *fora de casa*. Êsse conjunto, compreendendo as habitações e os seus prolongamentos, é a unidade básica de planejamento dentro da cidade.

O problema da habitação está estreitamente ligado ao do transporte. Numa cidade como a nossa, que se desenvolveu em extensas faixas, os deslocamentos das massas populacionais são particularmente difíceis. Essa circunstância, aliada a um deficiente sistema de transportes coletivos, faz com que o tempo gasto nos percursos diários de ida e volta da casa ao trabalho absorva totalmente as horas que deveriam ser empregadas nos lazeres indispensáveis a uma vida sadia. O ideal seria morar perto dos locais de trabalho, de modo a evitar perda de tempo e despesa com o transporte. Casa individual ou habitação coletiva são soluções igualmente válidas, dependendo das condições específicas apresentadas por cada caso em particular. A casa popular individual só é realizável em locais onde os terrenos são de baixo custo, isto é, nos mais afastados bairros. Isso porque a casa individual requer uma baixa densidade demográfica, o que significa uma elevada cota de terreno *per capita*. Nos bairros mais centrais e valorizados, onde *também é necessário* a construção de habitações populares, não se pode pensar em solução que não seja a da habitação coletiva, que permite uma maior densidade habitacional, em boas condições de higiene e confôrto, ficando a cota de terreno diluída e, portanto, mais acessível econômicamente.

Acredita na síntese das artes na arquitetura? Como se realizaria?

AGB — Achamos que na obra de Le Corbusier vemos esta síntese.

ARM — Desejo entender que a interação no propósito arquitetônico necessita da colaboração das demais artes; não pelo caminho literário da atitude, mas sim através à naturalidade sugerida e permitida pela entidade espacial. Não porque fique bem, ou sirva bem, antes porque há uma solicitação íntima guiada pela animação natural do próprio espaço arquitetônico.

AER — A síntese das artes na arquitetura é um ideal raramente alcançado. Muitas tentativas vêm sendo feitas nesse sentido, mas o que se tem conseguido, na maior parte das vêzes, é apenas uma boa vizinhança entre a pintura, escultura e a arquitetura, sem todavia realizar a sua perfeita integração. Essa síntese foi realizada no passado por Miguel Ângelo, e no nosso tempo por Le Corbusier, para citar dois exemplos.

Qual a importância de Brasília no desenvolvimento da arquitetura brasileira?

AGB — É a nossa grande lição. Daí será tirado o rumo a ser tomado pela arquitetura brasileira.

AER — Além do importantíssimo acervo constituído pelo que lá já foi feito, Brasília oferece um vasto campo de possibilidades para o desenvolvimento da arquitetura brasileira.

ARM — Brasília é também importante para arquitetos. Por um lado conseguiu inculcar a necessidade de arquitetura a todo o custo e a todo o vapor, de tal sorte que muito prefeito já prevê seu plano de metas ou de ação recheado de obras suntuárias; por outro lado, êste intimamente ligado ao arquiteto, Brasília será o exemplo vivo da sistematização de vida conseguida ou a conseguir pela imposição racionalista. E daqui partiríamos para o empreendimento menos sedutor, porém mais adequado às respostas que Brasília terá de prestar ao desenvolvimento da nossa arquitetura.

No momento histórico da industrialização do País, como deve atuar o arquiteto para que se verifique uma elevação do padrão no produto industrial, e uma racional produção de elementos pré-fabricados para montagem de unidades arquitetônicas?

AGB — Achamos que é o arquiteto, de todos os artistas plásticos, o que melhor oportunidade possui, devido à sua formação, para colaborar na forma do produto industrial. Aliás é imprescindível a colaboração do artista na concepção da forma (industrial design) se pretendermos competir nos mercados internacionais.

ARM — O perigo está na atuação em que o espírito da profissão seja afetado pela ativação industrial. Sob êste aspecto o arquiteto poderá qualificar-se um montador de coisas ou peças industrializadas; o que acontecerá dadas às exigências da racionalização.

AER — Em nosso País, sòmente agora pode-se começar a pensar na produção industrial em grande escala, de elementos pré-fabricados para montagem de unidades arquitetônicas. Até então tem sido feitos alguns ensaios, não muito bem sucedidos sob o ponto-de-vista econômico, devido ao fato de não poderem competir em preços com os sistemas tradicionais de construção. É provável, entretanto, que com o desenvolvimento que vem tendo a indústria entre nós, nesses últimos anos, possa ela interessar-se pela produção em massa de elementos pré-fabricados. Será um novo campo de ação aberto aos arquitetos, que desenharão êsses elementos e demonstrarão como poderão êles ser reunidos artisticamente, formando belos edifícios. A ação dos arquitetos, porém, deverá ir além, deverá abranger todo o domínio do equipamento material da vida moderna, incluindo desde o utensílio doméstico ao urbanismo.

Qual o resultado prático que se obterá com a regulamentação da profissão do arquiteto, ora em cogitação?

AGB — A regulamentação profissional somada a uma reforma nos moldes de ensino de arquitetura e das artes, daria ao arquiteto a sua verdadeira e autêntica posição no meio social.

ARM — Como resultado imediato colocará o arquiteto numa posição em que o compromisso profissional seja regido pela intimação da obra. Poderá ocorrer o estrabismo profissional dadas as circunstâncias de formação e de atuação do arquiteto no Brasil.

AER — Não respondeu.

(Continua)

PALESTRA

AUTOR
ADINA MERA — URBANISTA

AUDITÓRIO
VÁRIOS PROFESSÔRES
ALUNOS DE TÔDAS AS SÉRIES DA F.N.A.

CENÁRIO
ANFITEATRO DO PAV. ARQUIMEDES MEMÓRIA

ÉPOCA
MANHÃ DE SOL, NO MÊS DE ABRIL DE 1961

Hoje vamos falar de PLANEJAMENTO e, em particular, de URBANISMO.

No ano passado, ao pronunciarmos uma conferência na Escola Politécnica de um dos Estados do Norte do Brasil, estávamos em dúvida sôbre a maneira de abordar o tema, ou a definição do tema — iamos falar em urbanismo — quando, devido a uma pergunta feita momentos antes da palestra, fomos tentada a utilizar a forma bastante escolástica de definição pelos contrários ou opostos; melhor diríamos, definição pelos inversos, esquecendo aquelas situadas classificações do nosso curso de filosofia, no colégio.

Assim, iniciamos a palestra dizendo o que não é Urbanismo. Falamos e escrevemos na pedra:

NÃO É URBANISMO:

abrir ruas ou avenidas;
fazer esplanadas ou construir aterros;
furar túneis;
projetar centros cívicos;
construir pistas de alta velocidade, mesmo "elevadas";
construir conjuntos residenciais, mesmo "populares";
criar efeitos monumentais nas cidades pela procura de perpectivas barrocas ou outras, mesmo pensando que êsse aumento da "dignidade urbana" da cidade possa transformar-se em orgulho de seus habitantes, com o conseqüente aumento do espírito público destes (urbs e civitas);
fazer parques e jardins com canteiros em forma de amebas, rins, formas hectoplasmáticas ou de figuras geométricas, mesmo se há balanços para crianças e bancos para namorados (o que daria um certo caráter funcional a êsses parques e jardins)... etc., etc.

Essas medidas, em geral sem nenhuma relação entre si sem nenhum plano que as coordene simplesmente como urbanismo.

Assim falamos, e o efeito, os resultados didáticos foram ótimos e por nós comprovados, pois tivemos oportunidade de trabalhar longamente com os estudantes, e garantimos que êles não vão mais fazer confusões a respeito do que é URBANISMO. Os resultados didáticos foram ótimos, repetimos, apesar de que, no ambiente meio "moleque" da escola, acharam que havíamos utilizado essa maneira de abordar o tema para nos divertirmos, para zombarmos dos responsáveis do urbanismo local e da elite da cidade, presentes à palestra.

Não foi bem assim, conscientemente, porém nosso subconsciente pode ter sucumbido a essa tentação...

O urbanismo está muito na moda. Sobretudo depois de Brasília, todo mundo fala em urbanismo. Na província, porém, e também em alguns meios não provincianos, o urbanismo está ainda na atrasada etapa que permite aos homens da administração fazer do assunto matéria de brilho literário. O beletrismo (de "belles lettres"), o beletrismo urbanístico floresce, fala-se, escrevem-se livros e artigos, discutem-se escolas. Os problemas urbanísticos são resolvidos em bate-papos, entrevistas e discursos de candidatos a postos eletivos. Nas rodas de conversa acham-se soluções, de rigor técnico, para os problemas urbanísticos com a mesma facilidade e inconsciência com que são encontradas soluções para os problemas políticos ou religiosos. Outro perigo é muitas vêzes o desejo de melhorar o aspecto da cidade, sua estética — Deus sabe com que gôsto ou senso estético, nessa idéia de melhorar, que ataca a alguns prefeitos progressistas. Diríamos o belartismo (de "beaux arts") confundido com o urbanismo. Recentemente sucedeu o seguinte com um colega: foi apresentado como o encarregado de fazer a "roupa nova" da cidade. O urbanista passa por decorador ou — quem sabe? — modista ou alfaiate... de cidade.

Hoje falaremos de PLANEJAMENTO.

Não temos na sala, como naquele dia, responsáveis que possam sentir-se visados. Aqui estão presentes sòmente encarregados futuros do planejamento no Brasil. Por isso estamos tentada a usar o mesmo método que naquela palestra, com resultados talvez melhores, porque vocês já estão avisados.

O planejamento também está na moda; também se discute planejamento como se discute política ou religião. Todos têm suas explicações e pontos de vista e as soluções convenientes para os mil problemas do país, numa espécie de panacéia nacional que seria o Planejamento.

É bossa nova nos políticos ocuparem-se de planejamento. Em suas plataformas eleitorais os candidatos falam de Planejamento. Nas suas prestações de contas os homens de govêrno falam de planos como se falassem de Planejamento.

Folheamos os jornais, ouvimos o rádio ou a televisão. Planos de trabalho, plano de ação, plano de desenvolvimento, plano de cooperação. Planejamento aqui, planejamento acolá. Fala-se em planos, ou em medidas, ou em obras, como se isso fôsse planejamento — e poucos sabem o que é planejamento.

NÃO É PLANEJAMENTO:

o estabelecimento de um determinado tipo de indústria (siderurgia, por exemplo) em local fixado "a priori", conforme as simpatias dos responsáveis, que então falam em Plano Industrial;

o estabelecimento de zonas francas, aqui ou acolá, e se fala em Plano Econômico ou Fiscal;

ou sua fixação no mesmo local, com melhoria de suas condições de habitabilidade, com a instalação de casas pré-fabricadas, e se fala em Plano de Habitação Popular;

o estabelecimento de certas facilidades em locais pitorescos, e se fala em Plano de Turismo;

a realização de certas ligações com a fixação de meios de transporte, sòmente porque foram prometidos durante a campanha eleitoral;

a intervenção de um técnico para o traçado de planos para as baixadas, lagoas ou restingas, e fala-se então em Planos Diretores para as lagoas e restingas, etc.

Tôdas estas medidas, sem nenhuma relação entre si, medidas que poderão chegar a ser resultantes do processo de planejamento, são tomadas como o processo em si.

Os mais diversos grupos, às vêzes sem qualificação, trabalham em medidas isoladas, cada um dêstes grupos fazendo "um plano", que não está subordinado a nenhum estudo coordenado, nem diretriz geral. Muitas vêzes a intenção dos governos é boa, mas o conceito é pobre, falta conezão, falta base a êsse esfôrço, errôneamente chamado de PLANEJAMENTO. Talvez até falte conceituação filosófica.

Definamos o PLANEJAMENTO pelos seus objetivos, e vejamos depois o que abrange o PLANEJAMENTO GERAL.

Os objetivos do PLANEJAMENTO no seu sentido mais amplo são:

a valorização,
o desenvolvimento,
a ordenação,
a utilização,

dos POTENCIAIS
físicos,
econômicos e
humanos
DE UMA REGIÃO.

Assim, todo político que deseje fazer PLANEJAMENTO, além de conhecer as condições e os problemas de natureza —social,
econômico-financeira
administrativa,
e de utilização de solo, que apresenta o meio e a área nos quais está interessado, deve compreender que êsses processos são interrelacionados, não podendo ser considerados de maneira isolada — quando muito, pode ser dada ênfase a um ou outro aspecto, segundo a filosofia dominante — e também que não podem ser esquecidas as áreas e meios que exercem influência na área abrangida.

As condições e os problemas de natureza social a serem estudados, são:

a população, sua constituição, seu crescimento, níveis de vida, níveis sanitários e de nutrição, níveis culturais e de educação; sua distribuição em relação aos locais de trabalho, meios de locomoção, recreação e prática de esportes, assimilação de migrações, os problemas sociais, os desequilíbrios, conflitos etc., que se observam na área.

No aspecto econômico-financeiro estuda-se:

a estrutura das atividades,
agricultura,
indústria,
artesanato e
serviços
a evolução dessas atividades, e suas relações em face dos mercados
local,
regional
nacional e
internacional
o comportamento dos complexos bancário, econômico e cultural das cidades, em relação às localidades próximas e ao total do País;
o crescimento dêsses complexos; comércio, indústria, bancos e serviços, em relação à conjuntura nacional e os centros industriais e de serviços;
o custo do desenvolvimento industrial segundo as diversas hipóteses de especificação e implantação.

Das condições e dos problemas a serem estudados no aspecto administrativo, consideram-se principalmente:

as leis vigentes;
as relações de dependências com respeito às diferentes autoridades;
as áreas administrativas e as regiões naturais, e
as possibilidades de modificação da estrutura administrativa e suas repercussões.

A análise dessas condições e a solução dêsses problemas assim equacionados, procuram-se nos planejamento social, econômico e administrativo, sendo partes êsses planejamentos do planejamento geral, coordenador.

O estudo e a solução dos problemas de utilização nacional ou ótima do solo procuram-se no planejamento físico.

O planejamento físico exige dois tipos de estudo:

o que requer uma visão do espaço, da área considerada e que leva ao PLANO FISICO REGIONAL.

e aquêle que pede uma visão do espaço, da área considerada, e que leva ao PLANO FISICO LOCAL.

Os estudos para o Planejamento físico na sua visão global ou regional do espaço considerado levam à determinação das "polaridades" (que na "gíria" dos planejadores significa a concentração ou acúmulo de serviços e equipamentos) nos diversos pontos e em diferentes graus, tendo em conta:

a distribuição dos espaços ocupados e livres;

a distribuição das populações;

os equipamentos existentes (residencial, cultural, de saúde e assistência, de recreação, cultural ou religioso, comercial e industrial, etc.);

os programas de implantação de indústrias, comércio e serviços diversos.

A determinação das polaridades permitirá a criação de centros de atração:

da forma mais econômica quanto ao custo,

mais racional quanto às necessidades das populações, e

o relacionamento dos diversos centros, por sistemas de circulação e comunicação mais lógicos.

Determinados êsses centros de atração, seu estudo mais detalhado e as proposições para a solução de seus problemas serão o objeto de PLANEJAMENTO FISICO LOCAL, a forma de planejamento conhecido tradicionalmente como URBANISMO, e que explicaremos especialmente no final da palestra.

Apresentamos, assim, de modo sucinto, as diversas condições e os diferentes problemas a serem estudados e resolvidos no PLANEJAMENTO GERAL, nas suas divisões

planejamento social,
planejamento econômico-financeiro,
planejamento administrativo e
planejamento físico.

No planejamento geral trabalham sociólogos, economistas, engenheiros das diferentes especialidades, administradores, industrialistas, geógrafos, sanitaristas, técnicos em educação, arquitetos, urbanistas advogados etc., enfim, elementos das mais diversas profissões formados na disciplina do trabalho em equipe e preparados especialmente na técnica de planejamento.

Vejamos agora qual é a participação que cabe ao ARQUITETO e ao URBANISTA formados nas escolas de arquitetura, nos trabalhos de planejamento geral.

O planejamento físico é chamado pelos franceses "aménagement des territoires" ou "aménagement de l'espace". Uma tradução não muito elegante, porém rigorosamente literal, seria "arrumação ou arranjo de regiões ou do espaço". Uma tradução mais literária seria "organização do espaço". (Convém precisar que se tem convencionado separar o espaço urbano e o espaço rural, o espaço urbano e o espaço regional).

Nas escolas de arquitetura a formação dada aos alunos, visando a capacitá-los para a solução dos problemas do espaço, faz com que os diplomados nessas escolas sejam os mais aptos a compreender os trabalhos de planejamento físico.

Uma formação complementar sôbre os princípios do planejamento geral e a técnica particular do planejamento físico, em bons cursos de post-graduação para aqueles que se tenham interessado especialmente no assunto, fará dêsses alunos os técnicos indicados para a direção dos trabalhos de planejamento físico. Chamados a colaborar com outros técnicos em outros aspectos do planejamento geral, êles pedirão o auxílio do sociólogo, do economista, do administrador, do sanitarista, do engenheiro, etc. nos trabalhos de planejamento físico que venham a realizar.

No planejamento urbano (o chamado Urbanismo) o trabalho dêsse técnico (chamemo-lo de Urbanista), terá no Plano Diretor um caráter de síntese e de expressão gráfica das conclusões tiradas da análise das condições sociais, econômicas, administrativas e físicas da área em questão, estudadas em colaboração com os especialistas correspondentes.

O trabalho do urbanista saído dessas escolas de arquitetura ficará marcado pela preocupação artística que lhe vem da sua formação, e se hoje o planejamento urbano dirige suas energias para o estudo e a solução dos problemas do zoneamento, criação de ambiente social, economia e administração, êsse especialista saberá unir a essas preocupações a de ordem estética.

As cidades de nosso tempo são sem beleza, são tristes, tristemente feias. Seus habitantes parecem indiferentes a essa feiúrade, ignorantes da necessidade de beleza. Que repercussão tem essa indiferença ou essa ignorância na vida dêsses homens, na sua condição humana, no seu espírito cívico?

Pela ação dêsse urbanista, a estética urbana deverá ter um lugar importante nos programas de planejamento.

Daremos ainda, para acabar, uma definição, a nossa definição, do Urbanismo, porém antes gostaríamos de dizer duas palavras sôbre Le Corbusier, hoje considerado por muitos como a origem dos erros e defeitos da arquitetura brasileira e do urbanismo de Brasília. O Le Corbusier polêmico, jornalístico nos seus livros, divulgador no bom sentido. O Le Corbusier pensador, que tirou o urbanismo do "belartismo" (aquêle urbanismo de Beaux Arts) em que se comprazíam os arquitetos da época. O Le Corbusier que tivesse como único mérito o enunciado das 4 funções urbanas (habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito, e circular) e já ninguém poderia discutir o valor de sua obra. Foi êle, com sua campanha quase publicitária, que levou os estudos de traçado urbano a uma sistematização até então desconhecida, pelo menos nos meios latinos. Depois dêle, não foi mais possível em nenhum trabalho de urbanismo deixar de considerar a importância e a interrelação dos equipamentos residencial, comercial e industrial, cultural, religioso, recreativo, de saúde e assistência e de circulação e comunicações que devem satisfazer as funções urbanas enunciadas por Le Corbusier. Depois dêle ninguém poderá descuidar dos problemas de zoneamento, hierarquia de vias, etc.

Le Corbusier, agora tachado pejorativamente de idealista, apresentou o urbanismo, para os que souberam compreendê-lo, como uma atividade complexa e que deve ter fundo filosófico para ser verdadeiramente válida. Para o autor "da Cidade Radiosa" o urbanismo é mais do que uma simples técnica.

Depois dessa explicação achamos que fica mais lógica e compreensível a definição do URBANISMO como sendo:

O estudo das condições urbanas nos seus diferentes aspectos (físico, social, econômico, administrativo, etc.) e a procura da melhoria dessas condições ou, no caso de novas cidades, a procura da criação de condições urbanas as mais favoráveis, por meio:

da distribuição correta dos espaços livres e ocupados;
da distribuição lógica da população;
da implantação racional dos equipamentos necessários à vida urbana;
de um sistema lógico de circulação e comunicação que relacione ou ligue êsses equipamentos.

Essas condições favoráveis deverão ser obtidas:

dentro de uma solução plástica feliz;
protegidas por uma regulamentação adequada,
e estabelecidas com vistas a tornar mais agradáveis, mais bela, a vida dos homens.

Talvez achem que a minha definição é meio evangélica. Ainda assim gostaria de parar aqui... e que pensassem nela.

Nada mais.



A arte de Oswaldo Goeldi

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

Para melhor situar a arte de Oswaldo Goeldi, necessário se torna reconstituir os inícios da carreira do artista.

Goeldi começou a desenhar em 1915, na Suiça, país ao qual chegara em 1901, com apenas seis anos. Os primeiros desenhos, dos quais pouco é sabido, terão sido concebidos e executados, decerto, dentro da atmosfera do *Blaue Reiter*, a que desde 1912 pertencia o grande desenhista austríaco Alfred Kubin (1877-1959), cuja arte iria repercutir amplamente não só sôbre o jovem brasileiro, como igualmente sôbre o próprio Paul Klee. Não é impossível que, nesses primeiros trabalhos, aos postulados do *Blaue Reiter*, expostos por Kandinsky em seu *Das Geistige in der Kunst*, se mesclassem reminiscências do menino criado à sombra da luxuriante vegetação amazônica.

Goeldi expôs individualmente pela primeira vez em 1917, isto é, no próprio ano em que em Leyden era fundado o grupo *De Stijl*, e poucos meses após a eclosão de *Dada*. Ignorou, porém, um e outro movimentos, permanecendo fiel a Kubin e aos expressionistas germânicos de temperamento idêntico ao seu próprio.

Dois anos após a mostra na Galeria Wyss, retornou Goeldi ao Brasil: é facilmente imaginável o choque causado pela mudança de um ambiente culturalmente efervescente por outro, ainda bastante acanhado. Mas a mudança teria também suas vantagens: isolando Goeldi dos grandes centros da criação artística, preservou-lhe o mundo de idéias e as convicções, ao mesmo tempo em que lhe possibilitou o reencontro com os trópicos. De resto, o meio provinciano coadunar-se-ia perfeitamente com a personalidade introvertida e com a natural discreção do artista.

Começam a surgir, por essa época, os temas brasileiros na obra goeldiana: seduzem-no certos aspectos da paisagem carioca — casas de subúrbio, pescadores, ruelas mal freqüentadas. Numa peça como *Recanto abandonado*, de 1928, percebe-se a influência do *Jugendstil* nas curvas alongadas que delimitam e enformam vegetais, telhados, nuvens. Convém, aliás, ter em mente que do *Jugendstil*, equivalente germânico do *Art Nouveau*, brotou e floresceu o Expressionismo alemão, ao qual inegàvelmente se filia Goeldi, se bem que de modo todo especial.

A partir de 1924 começou Goeldi a gravar em madeira. Não foi o primeiro a fazê-lo, entre nós, mas foi decerto o primeiro puro artista-xilogravador que teve o Brasil, já que os demais ou encaravam a xilogravura como procedimento técnico sem implicações estéticas, ou (como Lasar Segall) eram pintores que também faziam xilogravura.

De fins da década de 1920 data o período de maior influência de Kubin: Goeldi, em cartas sucessivas ao amigo, a quem sòmente iria conhecer em 1930, procura o apoio que lhe faltava num meio indiferente e tanta vez hostil. Paralelamente à de Kubin, diversas influências podem ser lobrigadas: Odilon Redon, Rops, Beardsley, Masereel, Ensor, entre muitas. Sòmente a visão goeldiana permaneceu íntegra e pessoal, não se tendo subordinado a qualquer outra. Donde a grandeza do artista, e a importância de sua contribuição. "Você chegou, em sua solidão" escrevia Kubin a Goeldi, em 1936 — "a criar uma síntese transcendental. Sua visão muito pessoal, também nos seus desenhos, surpreende-me sempre de nôvo. Sua arte, tão perto da minha arte e, também, da arte de Munch".

A partir de 1930 a gravura torna-se mais e mais, para Goeldi, o meio de expressão. Em peças como *Carro de trigo* (*Mülhoagen*), de 1930, sente-se que o artista não alcançou, ainda, a maturidade só concedida pelos anos: os sulcos, rigidamente abertos na madeira, não se limitam àquele essencial encontrado logo depois, na obra *Botequim*, de 1932.

Do ponto de vista da psicologia da arte, Goeldi possui constantes capazes de individualizá-lo perfeitamente. Assim, já muito se escreveu sôbre a predileção que demonstra por certos animais, como gatos, cães, tubarões, abutres; muitas gravuras recordam cenários teatrais ante os quais se desenrolam dramas vividos, em geral, por um só ator: *Noturno*, *Paisagem tropical*, *Paisagem*, *Assassinato*, etc.; também não é incomum o cenário quedar vazio (*Pátio*, *Noite tropical*, etc.).

O título da peça, *Assassinato*, põe em foco um problema: os expressionistas — entre os quais se coloca, claramente, Goeldi —, têm sido acusados de por demais *literários*. Muitos dêles, não satisfeitos com apelarem para recursos próprios à literatura, chegaram a fazer literatura, propriamente dita: Barlach, Kokoschka, Grosz, Klee, o próprio Kubin, autor de um estranho romance, *O outro lado*. Na arte de Goeldi, como na de Kubin, não contam apenasmente os valores plásticos puros: a sua é uma arte que tende para o poético, para o filosófico, para o satírico, para o macabro, para o fantástico; arte com implicações literárias — sem que na constatação exista qualquer intenção de menoscabo, já que, afinal de contas, *literária* é também a arte de Bosch, de Goya, de Daumier, de Munch, de Masereel (do Masereel que gravou, entre outras séries, *História sem palavras*, *Livro de Horas* — uma história de sua vida, em 165 xilogravuras —, *As Idéias*, *Paixão de um Homem*,) etc. Não admira, pois, tivesse sido Goeldi o admirável ilustrador, que foi, de Dostoiewsky.

Cabe uma derradeira menção ao lado fantástico da arte goeldiana. Na história das artes visuais no Brasil, êle é decerto, ao lado de Marcelo Grassmann, o maior representante do gênero fantástico, tendo revivificado, em plenos trópicos, com suas *Caveiras* e *Esqueletos*, *Monstros* e sêres de pesadêlo, uma tradição que, velha de milênios, experimenta ainda hoje em dia grande fortuna, na obra de Francis Bacon, Cuevas, Wilfredo Lam, Delvaux, Ernst Fuchs, Van de Woestyne, entre tantos. A respeito de muitas de suas *casas abandonadas*, que são decerto o ponto mais elevado a que já atingiu a xilogravura no Brasil, poder-se-ia dizer o que disse, de certas obras de Kubin, o ensaísta Ernst Jünger: "os altares tombados são ninhos de demônios" (Marcel Brion, *Art Fantastique*, Albin Michel, Paris, 1961; página 132).

Ante as obras de Goeldi vem-nos à mente aquela mesma frase de Whitman posta por Masereel como epígrafe de seu Stundenbuch: *Behold! I do not give lectures, or a little charity: when I give, I give myself*. Essas obras, não se equivoquem, são muito mais do que um preciso acêrvo artístico do Brasil: têm sangue e vida, constituem, em verdade, uma comovedora e dolorida autobiografia.



O GOVÊRNO A CIDADE E O INSTITUTO

Pouco antes de dar por encerrada a sua atribulada existência, a Prefeitura do Distrito Federal construiu em vários jardins, dos poucos existentes na cidade do Rio de Janeiro, construiu irremediàvelmente com o dinheiro do pôvo, agredindo com brutalidade a nossa tão sofrida estética urbana.

Essa mesma Prefeitura que tanto falava em turismo e que invocava o capital estético da cidade como o próprio filão de ouro a ser explorado pela indústria do turismo local, escolheu os poucos espaços abertos da zona sul para implantar com a mais desassombrada irresponsabilidade verdadeiros monstrengos de concreto, ferro e bronze.

O simples descuido na preservação de nossa beleza natural já constitui crime, mas a atividade deliberada e dispendiosa de corrompê-la com a imposição de elementos anti-estéticos é algo de imperdoável. Tal o caso da Avenida Princeza Isabel, onde o Departamento de Esgotos se investiu da função construtora de "monumentos", homenageando tão tristemente a memória da Redentora.

Anos atrás, o mesmo Departamento teve de localizar ali uma estação de tratamento de esgotos. Orgão técnico tão especializado não devia possuir arquitetos em seus quadros, mas sentiu a necessidade de "enfeitar" o local. Com os sanitaristas da casa, inventaram um prodigio de expressão arquitetônica, tratando de transmitir todos os odores internos de suas instalações à plástica exuberante de sua bacia com chuveirinho, simbolizando perfeitamente um utilissimo aparelho sanitário.

Agora, chegada a vez do "monumento", cferereceu-se aos esgotos a opurtunidade de completar sua grande obra.

No entanto, a gravidade era maior ainda. A Avenida, agora larga e desimpedida, é a própria entrada de Copacabana. O observador, emergindo do túnel, depara com êste lindo cenário, difícil de encontrar semelhante, que é uma larga faixa de asfalto, ajardinada no meio, acabando bruscamente no mar, cujos horizontes e céu recebem uma monumental moldura caracterizada pelas muralhas dos edifícios vizinhos. A medida que se aproxima da praia, vê aquêle painel enquadrado ir aumentando para de repente se transformar em tôda a imensidão do céu sôbre o mar. Sòmente o efeito estético dinâmico deste percurso já tornaria temerária uma nova intromissão do homem nas condições do local. Bastava a grama, uma vegetação, e estava completo o arranjo urbano. Mas, se se considerava necessário, ali, um monumento à princesa, era preciso ter consciência da gravidade e da responsabilidade do problema. Ali só caberia um monumento, adequado ao local, proporcionado à sua escala e tirando o maior partido possivel de suas condições excepcionais.

Isto tudo, claro, é tarefa de arquiteto e pedia um ótimo arquiteto. Antes da demolição do edifício ali existente, depois de quebrada a alvenaria, restou, nua em sua elegância, fruto da lógica, a estrutura de concreto armado. Ao sair do túnel o observador deparava com aquêle esqueleto leve e esguio, proporcionado aos edifícios vizinhos, formado de silhuetas que permeavam luz recortada em quadrados, retângulos e nesgas, ora se acendendo, ora se apagando, à medida de sua aproximação. Ao se atingir a esquina, tôda aquela massa dinâmica, crescida ao cúmulo em imponência e majestade, punha-se a girar, metamorfoseando-se em mil efeitos plásticos.

Aquilo que era uma ruina, pelo acaso transformada em fonte de emoções estéticas, teve de ceder à dinamite do progresso porque de fato, impedia o prolongamento de uma das pistas. Mas tôda a lição de arquitetura paisagística e monumental que aquêle arcabouço encerrava, ficou perdida para a antiga Prefeitura, não atingindo a compreensão de seus dirigentes, que apenas viram ali carcassas a demolir e a substituir por um "monumento" bem "moderno". E de nôvo obrou o espírito imitativo da semi-cultura, inspirado sempre nas aparências superficiais da verdadeira arquitetura.

Desta vez houve uma evolução: não mais aquele delírio do "moderninho futurista", com tôda aquela orgia de curvinhas, de formas e de materiais usados na primeira bacia, coisa que já passara de moda mas agora, a última palavra era o concretismo.

Sólidos geométricos, pirulitos invertidos, placa deitada, placa em pé, tudo solto, mas ligado por uma estrutura gratuita em metal, o material "dernier cri" na Europa e no Aterro. E, simbolizando a libertação dos escravos, a liberdade da creação: pedestal sem estátua, estátua chapada na parede.

Tôda essa brincadeira, feita, a sério, com o dinheiro do povo, já não seria válida se executada por detrás dos muros de uma estação de esgotos dos subúrbios, mas, em plena praia de Copacabana, numa avenida como aquela, é criminosa, não só pelo estrago que trouxe à estética do local, como pelo fator de deseducação artistica que representa para o povo, já desorientado, em seus conceitos, pela evolução natural das artes.

O que aconteceu nos jardins da zona Sul com a Praia de Botafogo a Praça Serzedelo Correia e N. S. da Paz, foi outro enorme crime, perpetrado pela ignorante irresponsabilidade dos "técnicos". Nestes locais, foi necessária a construção de estações de fôrça, para os futuros ônibus elétricos. Tratando-se apenas de estações de fôrça, o raciocinio municipal deve ter concluido pela ausência de necessidade estética violentando-se desta maneira, alguns dos poucos jardins da zona Sul, enquanto que em todos os países civilizados desde os primórdios da história, justamente nas praças eram concentrados os maiores empenhos estéticos dos arquitetos, neste nosso infeliz Rio de Janeiro, estraga-se uma praça com a construção primária de um pobre e deselegante bloco cimentado.

Tudo nêles parece feito para comprometer as praças, desde a aforação do solo, talvez evitável com maior escavação, até os volumes, os materiais e a própria localização, como é o caso da Praça N. S. da Paz, onde a estação entrou em vitorioso choque contra a estátua existente e os jardins recem-plantados.

Seria utópico esperar que na defesa da estética da cidade, o seu govêrno fôsse obrigar à tôdas as construções da iniciativa privada, o projeto de bons arquitetos. Por enquanto, em nosso país, nem ao menos a exclusividade do exercício de arquitetura é assegurada pelas leis, aos arquitetos. Ainda seria impossivel conseguir que tôdas as obras erigidas por êste govêrno apresentassem um elevado padrão arquitetônico. Mas, sabendo-se que a arquitetura brasileira é respeitadissima e até seguida, no estrangeiro, sabendo-se que trabalham no Rio muitos dos melhores arquitetos do país, e que nos próprios quadros da municipalidade se encontram profissionais de grande categoria, bastando citar Reidy como exemplo, não se pode admitir que ela escolha justamente os locais de maior destaque na cidade para usar e abusar da mais repelente subarquitetura.

Não se pode aceitar que no planejamento de prédios, fontes, monumentos ou jardins, em locais com grandes avenidas, praças e orla marítima, descuide a municipalidade, inteiramente, dos problemas estéticos de ambiente, lançando mão de caricaturas arquitetônicas incompatíveis com uma cidade civilizada.

No entanto, sòmente de obras novas, no rápido percurso entre o centro e a zona sul, podemos indicar, com exemplos, mais de dez ofensas à estética da paisagem, tôdas cometidas pela antiga Prefeitura.

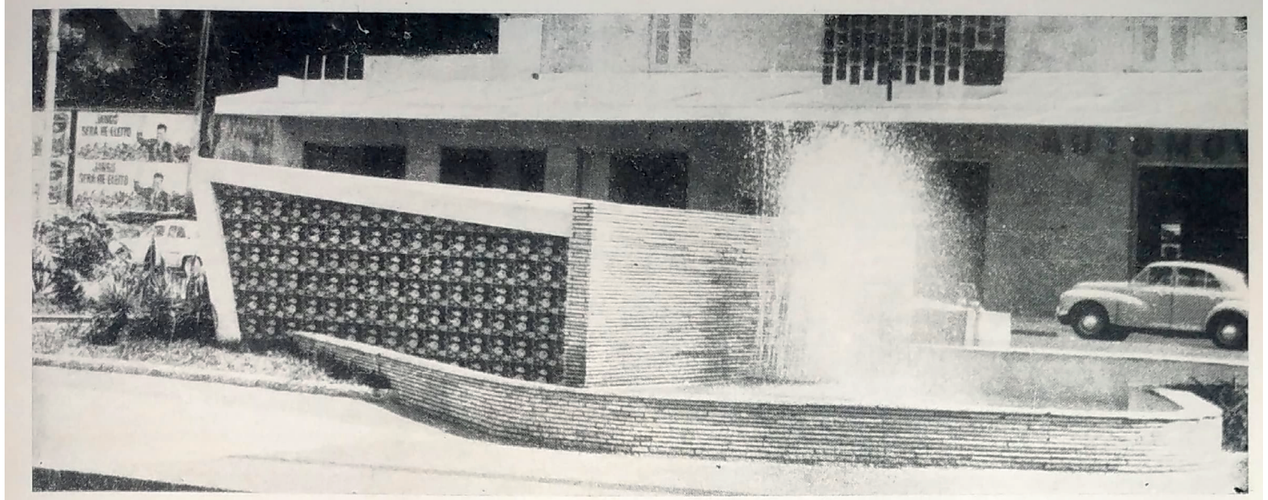
Logo defronte ao campo de Santana, os abrigos de acesso às passagens, subterrâneas chocam a vista do observador com seus ridículos e gratuitos V e tôda uma estilística de paródia da verdadeira arquitetura moderna, capaz de encabular muita cidade da alta Sorocabana.

Na avenida Presidente Antônio Carlos, o malogrado edifício das secretarias, monstro de feiura anacrônica, consegue acachapar inteiramente a igreja de São José, obrigada a formar com êle um conjunto aleijado. No campo do Russel, um pseudo monumento foi erigido, recentemente, a Baden Powell, uma ingênua imitação de arquitetura moderna e sòmente fica à vontade, em vista do grotesco prédio municipal que lhe serve de fundo. Na entrada do Pasmado, a Prefeitura indenizou desapropriação feita a dois clubes, com duas estranhas estruturas, uma garagem de barcos, outra, parece que um ginasio, ou salão de festas, que apenas servem para valorizar, pelo contraste, a elegância do ginásio projetada por Niemeyer, para o Botafogo.

Na avenida Atlântica, felizmente não sobreviveram os inadequados "play grounds".

E as amendoeiras do pôsto cinco e meio, permanecem, artificialmente ordenadas. Na praia de Ipanema, ao menos livre dos horriveis quiosques de sapê, continuam aflorando da areia, os postos de iluminação elétrica, sempre ferindo as noites, mesmo aquelas sem lua.

Ainda nos últimos tempos da extinta PDF foram estudados por um arquiteto da Secretaria de Saúde, os novos postos de salvamento para as Avenidas Atlântica e Vieira Souto. Os mesmos seriam financiados pelo Instituto do Mate em troca de instalar um bar de mate em cada um. Enviado o projeto ao Instituto para aprovação, resolveu êste mutilá-lo à guisa de economia, infligindo-lhe o inefável caráter "moderno".



Um pôsto de salvamento, é claro, tem que preencher determinados requisitos técnicos, o que pede um arquiteto competente. Mas se êle vai participar da aparência da Avenida Atlântica, ou Vieira Souto, fica enorme a responsabilidade de sua forma. Seu problema estético é tão importante quanto o de qualquer monumento que se construa num local de grande evidência. Um projeto mal concebido, pode comprometer gravemente a estética da praia de Copacabana. E no entanto, caso se efetive o acôrdo, lá vai o Instituto Nacional do Mate dar a sua contribuição ao enfeiamento da cidade.

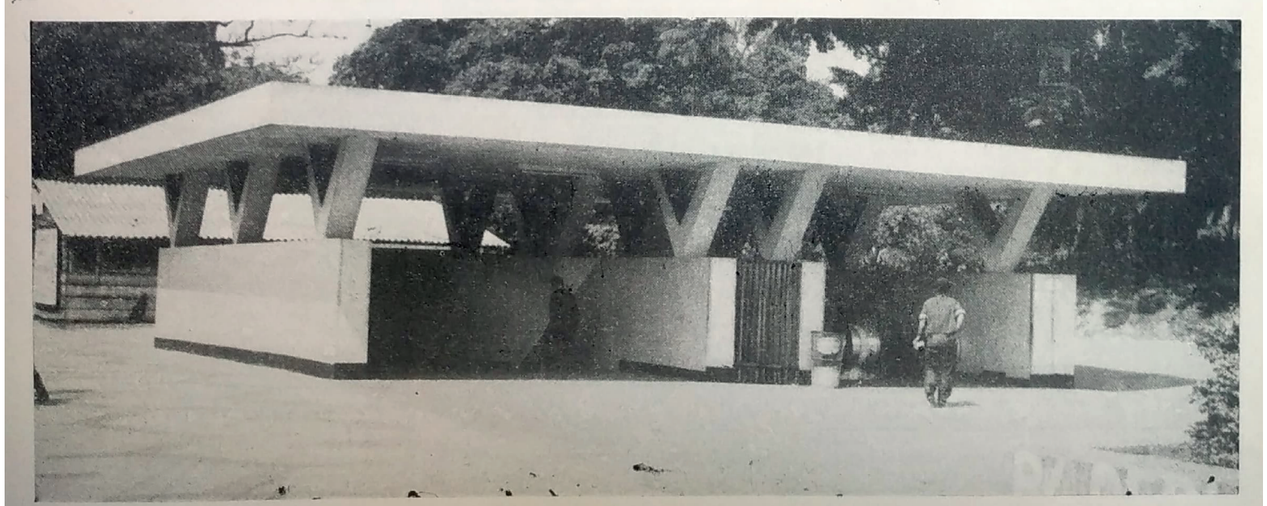
Recentemente, a construção de um nôvo edifício comercial no Picadilly Circus, no coração de Londres, suscitou os maiores debates na imprensa local, preocupadíssima com a defesa estética da praça. Tamanha foi a repercussão da celeuma, que chegou ela até o Parlamento do Reino Unido, cuja primeira providência foi a convocação da Real Sociedade Britânica de Arquitetos, a fim de esclarecer e orientar os representantes do povo no trato da questão.

O nôvo govêrno do Estado da Guanabara já demonstrou em contatos havidos com a diretoria do Instituto de Arquitetos do Brasil o propósito de com ela estudar os problemas arquitetônicos e urbanísticos do Estado.

Se até êles chegarem estas nossas palavras, que sirvam as mesmas de alerta e que o apressem. A diretoria do Departamento da Guanabara está, como sempre estêve inteiramente às ordens do govêrno para colaborar na defesa da cidade e estudar com as autoridades as medidas capazes, não só de evitar as agressões à estética da nossa paisagem mas ainda de valorizar as suas riquezas.

Alguma solução deve ser encontrada nesse contato entre o govêrno e o Instituto e disso estamos certos. O que não pode perdurar é a situação atual, em que os projetos de elementos capazes de comprometer desastradamente a beleza de nossa cidade são distribuídos e às vêzes orientados pelos inúmeros chefes de serviço, muitos dêles inteiramente despreocupados com os problemas estéticos ou de ambientação, antolhados apenas pelo aspecto utilitário do projeto, outros bem intencionados, mas alheios ao que seja a verdadeira arquitetura contemporânea, muitos dêles apenas engenheiros e outros, às vêzes, nem isso.

Frutos dêsse estado de coisas são os inúmeros monstrengos erigidos em tôda parte pela antiga Prefeitura e são êles a prova de que a cidade precisa urgentemente de encontrar no nôvo governador um violento defensor do que ainda lhe resta de maravilhosa. A menos que se desista para sempre de fazer planos para transformá-la em centro de turismo.



NOTICIÁRIO

Habitação Popular

O presidente Jânio Quadros acaba de criar o Conselho Nacional de Planejamento da Habitação Popular, concretizando o orgão que idealizado pelo IAB vai coordenar os recursos existentes nos diversos órgãos e planificar a execução de uma "política sanitária das aglomerações humanas estabelecendo um planejamento nacional para o alojamento correto e saudável das populações urbanas, considerando o levantamento dos meios adequados à construção nos centros urbanos e nas zonas rurais".

O CNPHP terá 10 membros, indicados pelo Ministério da Fazenda, Ministério da Viação, Instituto de Arquitetos do Brasil, Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura, Associação Brasileira de Agronomia, Conselho Nacional de Geografia, Associação Brasileira de Municípios, Institutos de Previdência Social, Conselho Nacional de Economia, Caixa Econômica Federal e Fundação da Casa Popular, assessorados por um representante da consultoria-Geral da República.

Filmes de Arquitetura

O departamento da Guanabara, com o propósito de melhor divulgar as realizações de nossa profissão, exibirá um Festival de Filmes sôbre Arquitetura. Êste festival está sendo organizado pelo arquiteto Alfredo L. Britto que já, pessoalmente, entrou em contacto com o Itamarati, e diversas embaixadas, recebendo a idéia uma repercução fortemente favorável.

Planos Diretores

O Presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, Sr. Max da Costa Santos, designou um grupo de trabalho para, em colaboração com o Departamento da Guanabara, estudar a possibilidade de concessão de financiamentos aos Municípios, para a elaboração de seus *planos diretores*, bem como estabelecer condições e normas a serem observadas nos respectivos planos, para a obtenção dêsses financiamentos.

Cabe lembrar que o Conselho recolhe em fundo especial a receita líquida da Loteria Federal, hoje sob seu controle, destinando-se esta, por decreto presidencial, ao financiamento de serviços públicos municipais.

Ordem do Cruzeiro

O presidente da República, assinou decreto, na pasta das Relações Exteriores, conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul às seguintes personalidades: sr. Guelherme Rossel, subsecretário de Estado do Patrimônio do México; sr. Douglas Haskel, diretor do "Architectural Forum" dos EUA; sr. Hector Mardones Restat, presidente da União Internacional de Arquitetos, do Chile; sr. Pierre Vago, secretário-geral da União dos Arquitetos da Hungria; sr. Paul Picot, secretário-geral da Seção Francesa da União Internacional de Arquitetos; sr. Jacques Barges, arquiteto francês e sr. Philip Will Júnior, presidente do "American Institute of Architects", EUA.

Foi portadora das condecorações, a delegação brasileira ao congresso da U.I.A.

Congresso da UIA

Com a participação de 29 países e mais de 1.500 arquitetos, realizou-se em Londres o VI Congresso da União Internacional de Arquitetos.

A delegação brasileira foi oficialmente composta dos arquitetos Flávio Léo da Silveira, Wladimir Alves de Souza e Eduardo Corona.

O tema central do Congresso — novas técnicas e novos materiais, suas repercussões sôbre a arquitetura — foi desenvolvido pelo arquiteto H. Russel Hitschcoisk, Pier Luigi Nervi e Jerzy Hryniewiecki. Podemos adiantar que os temas do congresso serão publicados em nossos próximos números.

Eleições no IAB - GB

Foi eleita a nova diretoria do IAB - GB, para os próximos dois anos, com a seguinte composição:

Comissão Diretora — Presidente Maurício Roberto — Vice-Presidente Marcos Konder Neto — 1.º Secretário Maurício Dias da Silva — 2.º Secretário João Ricardo Serran — 1.º Tesoureiro Sérgio Augusto Rocha — 2.º Tesoureiro Maurício Nogueira Batista — Diretores Marcello Fragelli, Flávio Léo da Silveira, Jacques Jayme Hazan, Yeda Lúcia Pitanguy, Ricardo Menescal, José Quintas Alves.

Conselho Superior: Jorge Machado Moreira, Elias Kaufman, Flávio Marinho Rego. Suplentes: Marcello Fragelli, José Bina Fonyat, Maurício Dias da Silva Assembléia: Mário Augusto Berredo Carneiro, Victor Noel Saldanha Marinho, Maurício Nogueira Batista, Wit Olaf Prochnik. Harry Cole — Suplentes: Salomão Tandeta, Sérgio Rocha Amaury Borges Diniz, Mário Pimenta, Alvino Costa Filho — Comissão Fiscal: Affonso Eduardo Reidy, Henrique E. Mindlin, Valentim P. de Oliveira Netto.

Turismo e IAB

Foi finalmente elaborado um plano turístico para a Guanabara, baseado em estudos do IAB-GB e outras instituições.

Os estudos do IAB-GB indicaram a construção de diversas obras como restaurantes, bares, pequenos teatros, etc. nos seguintes locais:

Floresta da Tijuca: estudo de aproveitamento total.

Deverão existir: restaurantes, bares, locais para "camping", locais para concertos, locais para danças, teatros ao ar livre.

Vista Chinesa: restaurante, bar, salão de chá, instalações sanitárias.

Corcovado: estudo do reaparelhamento das instalações existentes. Deverão existir bares, restaurante, sanitários, acesso mecânico a todos os níveis, pequenas lojas para venda de "souvenirs".

Mesa do Imperador: restaurante-bar "drive-in".

Barra da Tijuca: desapropriação de áreas para a instalação de balneários, restaurantes, bares, campos de estacionamento de kombi, locais para danças, cinema "drive-in", museu oceanográfico, pista de corridas para "karts", locais para concertos ao ar livre, local para construção de um tipo "Disneylandia".

Barra de Guaratiba: desapropriação de área para construção de bar-restaurante, balneário, local para danças.

Praia do Grumarim: desapropriação de área para construção de balneário, bar-restaurante.

Lagoa Rodrigo de Freitas: estudo de aproveitamento total. Locais para restaurantes, bares, concertos ao ar livre, danças, pequenos embarcadouros e barcos restaurantes.

Embarcadouro Municipal (piscina da Urca): bar-restaurante, vestiários, pequenas lojas para a venda de material esportivo, fotográfico, etc.

Morro da Urca: hotel caracteristicamente turístico, "boite", restaurante, bares.

Pão de Açucar: restaurante, bar, local para música e danças. Melhoria na estação de embarque, na Praia Vermelha.

Belvedere Santa Martha: bar e instalações sanitárias.

Morro da Babilônia: bar-restaurante, local para música e danças.

Praia Vermelha: estudo de reaproveitamento das instalações existentes.

Praia da Urca: estudo para o reaparelhamento das instalações locais, de modo a permitir a existência de balneário, bar-restaurante, local para música e danças.

Fumas: bar-restaurante, locais para danças, concertos e teatro ao ar livre.

Praia da Gávea: desapropriação de local para a instalação de balneário, bares, restaurante, música e danças.

Praia do Vidigal: desapropriação da praia para a instalação de um hotel com "boite", balneário, bares, restaurante, etc.

Ilha do Governador: construção próxima da ponte de acesso — local de passagem obrigatória para o Galeão — de instalação balneária com estacionamento de automóveis, bicicletas, instalações sanitárias, pequenos bares, etc.

Ilha de Paquetá: estudo de aproveitamento total. Melhoria dos tipos e condições de transporte.

Ilha de Brocoió: manutenção das instalações existentes.

Largo do Boticário: desapropriação de uma casa para a instalação de um restaurante.

Morro da Mangueira: desapropriação de uma área para a construção de um local adequado aos desfiles das Escolas de Samba fora da época do Carnaval. Construção de arquibancadas, bares, instalações sanitárias.

Parque na zona Suburbana: numa área situada entre Cascadura, Madureira, Honório Gurgel, Tomaz Coelho, Vicente de Carvalho, deverá ser criado um grande parque com instalações recreativas, bares, teatro ao ar livre, restaurantes, parque de diversões, etc. (Deverá ser examinada a hipótese do aproveitamento de um dos morros existentes).

Joá: construção de um novo bar-restaurante.

Pedra Bonita: construção de uma estrada de acesso, de um belvedere com bar-restaurante.

Pedra da Gávea: construção de um acesso mecânico, belvedere com bar e instalações sanitárias.

Largo de São Conrado: manutenção e disciplinação das instalações e características existentes.

Gruta da Imprensa: apenas serviço de manutenção.

Parque da Cidade: serviço de manutenção do parque. Construção de um bar-restaurante com local para música e danças.

Quinta da Boa Vista: estudo de aproveitamento total da área. Deverão existir: parque de diversões, restaurantes, bares, locais para danças, locais para concertos ao ar livre, pequenos embarcadouros, etc.

Para a execução das obras em cada um desses locais foi sugerida a realização de concursos a serem organizados pelo IAB-GB em colaboração com o Departamento de Turismo.

Exposição Goeldi



Dentro da nova orientação do Museu Nacional dirigido agora por José Roberto Teixeira Leite, inaugurou-se dia 25 a exposição do notável gravador brasileiro Oswaldo Goeldi.

A mostra de Goeldi, a maior até o momento realizada, é uma justa homenagem ao falecido artista.

Cuba

Noticia-se que o arquiteto Oscar Niemeyer foi convidado para realizar alguns trabalhos em Havana. A experiência urbanística cubana está atraindo ainda a atenção de vários jovens arquitetos do Rio e de S. Paulo, que se aprestam para permanecer durante 1 ano na primeira nação socialista da América.

IAB na T.V.

O Departamento da Guanabara vem desenvolvendo uma série de programas na TV, sob o título *A Cidade e o Homem*, vizando despertar a atenção dos cariocas para os problemas urbanos de sua cidade.

O programa é transmitido pela TV Continental, canal 9, tôda 2.ª feira às 22,30 hs.

Ambiente e Saúde Mental

Segundo um temário organizado por Décio Vitório, psiquiatras e arquitetos designados pelo IAB GB, participaram de uma mesa redonda que foi a primeira de uma série de reuniões em que arquitetos e outros profissionais debaterão problemas comuns.

Bienal de São Paulo

Mais de uma centena de trabalhos de arquitetura, todos realizados, deverão ser expostos no Ibirapuera, em setembro. Contando-se com prováveis contribuição de Cuba, Holanda, Rússia e Venezuela, que ainda não definiram seus projetos, 20 países estarão representados no setor de arquitetura da Bienal, dos quais 16 já designaram seus representantes e seus trabalhos, a saber: África 1, Argentina 1, Brasil 41, Canadá 1, Formosa 8, El Salvador 1, Estados Unidos 17, Filândia 5, França 9, Inglaterra 10, Itália 17, México 10 Peru 2, Portugal 1, Suiça6, e Uruguai 2.

SALAS ESPECIAIS

É pensamento dos organizadores da Bienal, setor de arquitetura, reservar várias salas para mostras especiais, algumas das quais, infelizmente, estão peiricitantes, por fôrça de várias dificuldades. A sala de Brasília deverá conter os edifícios realizados na Praça dos 3 Poderes e a sua organização será pretexto para distinções especiais a serem conferidas a Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. A retropectiva de Affonso E. Reidy está assentada, assim como a sala dedicada à obra de Alvar Aalto. Uma seção especialmente dedicada à "Arquitetura visionária dos Estados Unidos", exposição que corre o mundo, estava nas cogitações dos organizadores, mas deverá provàvelmente ser deixada de lado, em face das dificuldades de trazer a mostra ao Brasil. Uma sala deverá ser reservada aos projetos do Museu Nacional de Israel, que se considera uma realização importante no campo do planejamento, e outra à obra de "Reconstrução de Varsóvia", que será apresentada através em uma série de painéis. Aguarda-se também pronunciamento dos arquitetos canadenses no sentido de se reservar uma sala especial ao projeto da Embaixada do Canadá em Brasília.

FINLÂNDIA

O govêrno finlandês enviou trabalhos de seis arquitetos e comparece em cinco categorias. No setor "Habitação Coletiva", apresenta projetos dos arquitetos Gabriel Vijo Revele, num edifício de múltiplos pavimentos e Toivo Korhonen associados a Jaako Loapotti, num conjunto residêncial. Comparece ainda a Finlândia com o arq. Aarno Emil Ruusuyuori num edifício para fins comerciais; com o arq. Aulis Blomstedt, num edifício para fins de ensino; com os arquitetos Kaija e Heikki Siren, num edifício para fins religiosos; e com o arq. Reima Pietila, no projeto de um pavilhão em Bruxelas, inscritos na categoria de problemas vários.

PORTUGAL

Portugal vai ser representado na Exposição Internacional de Arquitetura por um único concorrente, indicado pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos de Portugal. Trata-se do arquiteto Antônio Aurélio que concorre com um edifício para fins industriais, na respectiva categoria.

SUIÇA

Vão apresentar-se na VI Bienal de Arquitetura seis arquitetos suiços, que competem em quatro categorias. A seleção das obras dos arquitetos helvécios foi feita pelo "Bundes Scwheizer Architekten", que indicou os seguintes trabalhos: edifício de habitação coletiva, do arquiteto Jakob Zwefel; dois edifícios para fins de ensino, trabalhos dos arquitetos Fritz Haller e Jacques Schader, edifício para fins de recreação, do arq. Jakob Zweifel, edifícios para fins religiosos, trabalhos respectivamente dos arquitetos Erneste Brantechen, Hans e Annemarie Hubacher e Jean Guebelin.

BRASIL

Representarão o Brasil naquela mostra de arte os seguintes arquitetos:

José Cláudio Gomes, Wit Olaf Prochnik, Oswaldo Arthur Bratke, Rodolpho Ortemblad Filho, Joaquim Manoel Guedes Sobrinho, Ary Garcia Rosa, Carlos Alberto Cerqueira Lemos, José Bina Fonyat, Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Neto (em equipe), Ney Marcondes, Marcelo Aciolly Fragelli, Rolf Werner Huther, Heitos Ferreira de Souza, Lauro da Costa Lima, Nestor Lindenberg, Carlos Benvenuto Foncaro, Elias Kaufman, Arnaldo Purquim Paoliello, Lucjan Korngold, José Maria Monfort Cuix, Wolfang Schoedon, Lúcio Grinover, Ícaro de Castro Melo, Roger Emekhol, Paulo Mendes da Rocha, David Ottoni, Fábio Moura Penteado e Alfredo Peasani (em equipe), Nicolai Fikoff, Carlos Millan, Osvaldo Correa Gonçalves, Rubens Carneiro Viana e Ricardo Sievers (em equipe), Victor Reif, Abelardo Gomes de Abreu, David Libeskind, Fábio Eduardo Kok de Sá Moreira e Ruth do Valle Kok de Sá Moreira (em equipe), Flávio Alberto de Souza Reis e Elisabeth Vidor de Souza Reis (em equipe).

A comissão que se reuniu durante dez dias na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil (Departamento de S. Paulo), estêve constituída dos arquitetos Flávio Marinho Rêgo (representante do Estado da Guanabara), Eduardo Corona (São Paulo) e Manuel de Carvalho Meira (Rio Grande do Sul).

Este foi o primeiro júri de seleção a apresentar seu veredito.

Concurso Peugeot

A Foreing Building and Investment Company convida os arquitetos brasileiros a participar no concurso internacional de ante-projetos para a construção do edifício monumental Peugeot.

O concurso, patrocinado pela Federação Argentina de Sociedades de Arquitetos e organizado pela Sociedade Central de Arquitetos, destina-se à um imenso prédio de escritórios para grandes emprêsas, com um centro comercial e cultural.

As bases gerais do concurso foram redigidas de acôrdo com os regulamentos da União Internacional de Arquitetos e da Sociedade Central de Arquitetos.

Os prêmios, os maiores até agora em concursos na América Latina, são os seguintes:

1.º Prêmio — 5.000.000 pêsos argentinos — por conta dos honorários, reservando-se ao vencedor o desenvolvimento definitivo da obra.

2.º Prêmio 2.250.000 pêsos argentinos. 3.º Prêmio — 1.750.000 pêsos. 4.º Prêmio — 1.000.000 pêsos. 5.º Prêmio — 750.000 pêsos. 6.º Prêmio 500.000 pêsos. — 4 menções de 400.000 pêsos.

Os pedidos de inscrição devem ser solicitados ao arquiteto Federico A. Ugarte — Calle Montevideo 942 — Buenos Aires — Argentina, segundo o modêlo abaixo:

El que suscribe solicita ser inscripto en el registro de participantes del concurso y manifiesta que tiene titulo universitario, que está habilitado para ejercer la profesión en su pais, y que en caso de ganar el concurso está en condiciones y cuenta con la experiencia y colaboradores necessarios para preparar el proyecto definitivo de uma obra de esta envergadura en un plazo razonable.

Nombres (Nomes Names)
Inscripto en (Incrit à Registered in)
Domicilio (Adresse Adress)
Fecha (Date Date)
Firmas (Signature Signatore)

Espanhol, Inglês e Francês são as linguas oficiais do concurso.

A Sociedade Central de Arquitetos informa ainda que o registro de inscrição se encerrará em 30 de setembro e que os anteprojetos devem ser entregues em 10 de janeiro de 1962.

Concurso Pedro de Toledo

"A Comissão "Pró-Monumento a Pedro de Toledo" instituiu o presente concurso público de Arquitetura para a escolha do anteprojeto da construção do mencionado monumento, que será regido pelas seguintes condições:

Só poderão inscrever-se no Concurso arquitetos legalmente habilitados e em pleno gôzo dos direitos do exercício da profissão;

As inscrições estarão abertas, a partir do dia 9 de julho, das 12 ás 18 horas, até o dia 25 de outubro dêste ano, na sede provisória da Comissão, na Galeria Prestes Maia;

Os concorrentes deverão apresentar, no momento da inscrição, a carteira profissional do C.R.E.A.;

Os concorrentes poderão inscrever-se por intermédio de procurador, respeitados os prazos e demais condições nos termos dêste edital,

No ato de inscrição, os concorrentes receberão a planta do terreno e a sobrecarta destinada a conter o nome do concorrente."

DEPENDÊNCIAS

"Será elaborado anteprojeto visando as dependências para:

Museu onde serão expostas "maquettes", mapas, quadros, armas leves e pesadas, trens blindados, publicações e demais relíquias da Revolução Consticionalista;

Biblioteca para 20.000 volumes, com sala de leitura;

Auditório, destinado a comemorações patrióticas, que permita projeções cinematográficas, com capacidade para 1.000 pessoas;

Sede da Sociedade Veteranos de 32 — MMDC, constando de sala para reuniões, diretoria, secretaria, arquivo e pequeno auditório com capacidade para 100 pessoas;

Administração do prédio e residência do zelador.

O Monumento terá como objetivo precípuo a consagração do governador Pedro de Toledo como chefe do Movimento Constitucionalista. Assim sendo, deverá apresentar caráter alegórico ao grande patrono.

APRESENTAÇÃO

"Os concorrentes deverão apresentar, até o dia 31 de outubro de 1961 ás 18,00 horas, na sede da Comissão, as pranchas contendo:

Implantação do Monumento no terreno, demostrando a solução urbanística e paisagística, e suas relações com o parque, na escala 1:500;

Plantas, cortes e elevações, na escala 1:200;

Duas perspectivas externas exatas, devendo ser marcada na planta a localização e altura do observador;

Os projetos deverão ser entregues em copia osalid prêta, colados em placas de material duro, sem qualquer sinal que os possa indentificar;

Não será permitido o uso de côres na apresentação dos trabalhos;

Junto com um projeto deverá ser devolvido o envelope fornecido, devidamente lacrado, contendo o nome do arquiteto concorrente, enderêço e número de registro do CREA;

Uma vez terminado o julgamento, proceder-se-á à cerimônia pública de leitura da ata da Comissão Julgadora, e da abertura dos envelopes lacrados correspondentes aos primeiros colocados.

ADVERTÊNCIAS

"Nenhum anteprojeto será aceito pela Comissão Executiva fora do prazo acima estabelecido.

Os concorrentes poderão pedir esclarecimentos sôbre êste edital, dirigindo-se por escrito à Comissão, até o dia 30 de setembro. As questões e respectivas respostas serão enviadas por escrito a todos os concorrentes. A Comissão não se responsabiliza por qualquer atraso ou extravio de correspondência.

Nenhum concorrente poderá enviar variantes de um mesmo anteprojeto, mas poderá apresentar mais de um anteprojeto".

PRÊMIOS

"Os trabalhos classificados serão premiados como segue:

1.º classificado, Cr$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros), 2.º, Cr$300.000,00 (trezentos mil cruzeiros); 3.º, ... Cr$ 120.000,00 (cento e vinte mil cruzeiros); 4.º, Cr$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros).

Ao primeiro classificado caberá obrigatòriamente a excução do projeto definitivo, bem como a fiscalização arquitetônica da obra e ainda o projeto de marco comemorativo dos sucessos de 23 de maio, a ser colocado na praça da República, percebendo os honorários que lhe competirem, de acôrdo com a Tabela de Honorários do Instituto de Arquitetos do Brasil, em vigência, indepedente dos prêmios recebidos".

MNBA : Acessoria

O Museu Nacional de Belas Artes, através de seu novo diretor, o critico de arte José Roberto Teixeira Leite, dispõe agora de uma assessoria de arquitetura, sendo mesmo um dos poucos museus latino-americanos que a possuem. Como assessor de arquitetura foi nomeado o arquiteto Elias Kaufman.

A Assessoria de Arquitetura, cuja missão precípua é acompanhar, do ponto de vista do arquiteto, todos os problemas museológicos, como iluminacão de galerias, pintura de salas, etc., tem ainda em mira: realização de exposições; criação de um Arquivo Brasileiro de Arquitetura; realização de concursos patrocinados pelo Museu Nacional de Belas Artes, conferências, palestras e debates sôbre a arquitetura e sua problemática; exibição de filmes dentro de sua programação cinematográfica; colaboração íntima e continuada com o Instituto de Arquitetos do Brasil; participação nos congressos do ICOM em que sejam debatidos os mencionados problemas.





com a iluminação fluorescente da Eletromar

Nas grandes lojas, uma iluminação deficiente pode causar enganos além de tornar mais cansativo o trabalho, influindo negativamente na produção. Um ambiente mais claro, mais iluminado, é realmente indispensável. E isto só pode ser conseguido com a iluminação fluorescente da ELETROMAR que proporciona aos ambientes de trabalho aquela alegre aparência de "um dia de sol"

E eis as vantagens que a iluminação fluorescente pode oferecer:

- melhor iluminamento portanto maior economia.
- luz fria
- ornamental
- melhor difusão da luz
- não ofusca
- dura mais
- maior acuidade visual
- maior produtividade
- diminui acidentes
- atrai clientes

Para melhor aproveitamento das vantagens que a iluminação pode proporcionar, consulte-nos. Nossos técnicos estarão ao seu dispôr. Peça catálogos.



Para residência, a Eletromar, possui vários tipos de luminárias e as mais modernas formas de aparelhos decorativos incandescentes. Solicite informações ou peça catálogos explicativos.

fabricado sob licença da WESTINGHOUSE pela

ELETROMAR
INDUSTRIA ELETRICA BRASILEIRA S. A

... em eletricidade, símbolo de qualidade!

brasilia publicidade - 1.239-A

MARELLI

VENTILADORES CENTRIFUGOS E HELICOIDAIS
DE TODOS OS TIPOS

EXAUSTÃO DE GASES
VAPORES
POEIRAS
TRANSPORTES PNEUMATICOS
RENOVAÇÃO DE AR

INDUSTRIAL E COMERCIAL DE MOTORES
E MAQUINÁRIA ELETRICA S. A.

RIO DE JANEIRO
RUA CAMERINO, 93

SÃO PAULO
RUA BRIG. TOBIAS, 327

CIVILSAN

ENGENHARIA CIVIL E SANITARIA S. A

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 318 — 3.º E 4.º AND. — SÃO PAULO
PRAÇA PIO X, 15 — 8.º AND. — ED. ALIANÇA — RIO DE JANEIRO

FUNDAÇÕES - Notas e comentários N.º 1

CONGRESSO FRANKI DO RIO DE JANEIRO

Como parte das comemorações do 25.º aniversário da criação de Estacas Franki Ltda., foi realizado no Rio de Janeiro um Congresso de caráter eminentemente técnico, com a participação de representantes de Sociedades de 20 países, entre os cêrca de 50 que utilizam os processos Franki: Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Dinamarca, Egito, Estados Unidos, Espanha, França, Hong-Kong, Inglaterra, Itália, México, Peru, Portugal, Suíça, Uruguai, Venezuela.
Foram apresentados 58 trabalhos provenientes de 15 países, tendo sua discussão e debates ocupado integralmente as 5 sessões programadas. Os trabalhos reunidos totalizam cêrca de 750 páginas com perto de mil croquis e fotografias.



Os temas abordados foram os mais variados:

- *Estudos de solos — Vibrações*
- *Capacidade de carga — Provas de carga*
- *Especificações*
- *Dificuldades especiais*
- *Estacas Franki*
- *Outros tipos de estacas*
- *Equipamento e materiais. Rendimento e preços de custo*
- *Assuntos diversos*

Através de tôdas as discussões e debates havidos, sempre proveitosos e, às vêzes bastante acalorados, ficou patente, como fato mais importante e auspicioso, o espírito de aperfeiçoamento e atualização de todos que trabalham na especialidade.

Merecem destaque especial, como demonstração dêsse espírito, os trabalhos:

- "Relação entre o ensaio de diepsondering e o "american standard penetration test" — Dada a divulgação que vem tendo o ensaio de diepsondering, tornava-se mister relacionar os resultados dêle obtidos com os índices de resistência à penetração colhidos no "american standard penetration test". O trabalho em aprêço, apresentado pela Sociedade Brasileira, analisa o problema com base nos resultados de algumas centenas de ensaios.

- "Execução de tubulões Franki" — Êsse trabalho da Sociedade Italiana descreve as técnicas empregadas na execução de fundações de 130 a 150 cm de diâmetro, para grandes cargas.

- "Estacas Mega para cargas elevadas" — A Sociedade Brasileira apresentou nesta reunião internacional o processo de execução de estacas do tipo Mega tubada, seja com reação em plataforma, seja com reação na estrutura, para cargas de até 100 t.

- "Diversos tipos de ancoragem de cortinas de estacas" — O trabalho da Sociedade Dinamarquêsa descreve as obras realizadas em uma escavação para a construção do Hospital Municipal de Aalborg, em que foram utilizados vários tipos de ancoragem de cortinas de estacas, destacando-se a cravação de tirantes metálicos, posteriormente ancorados com argamassa injetada.

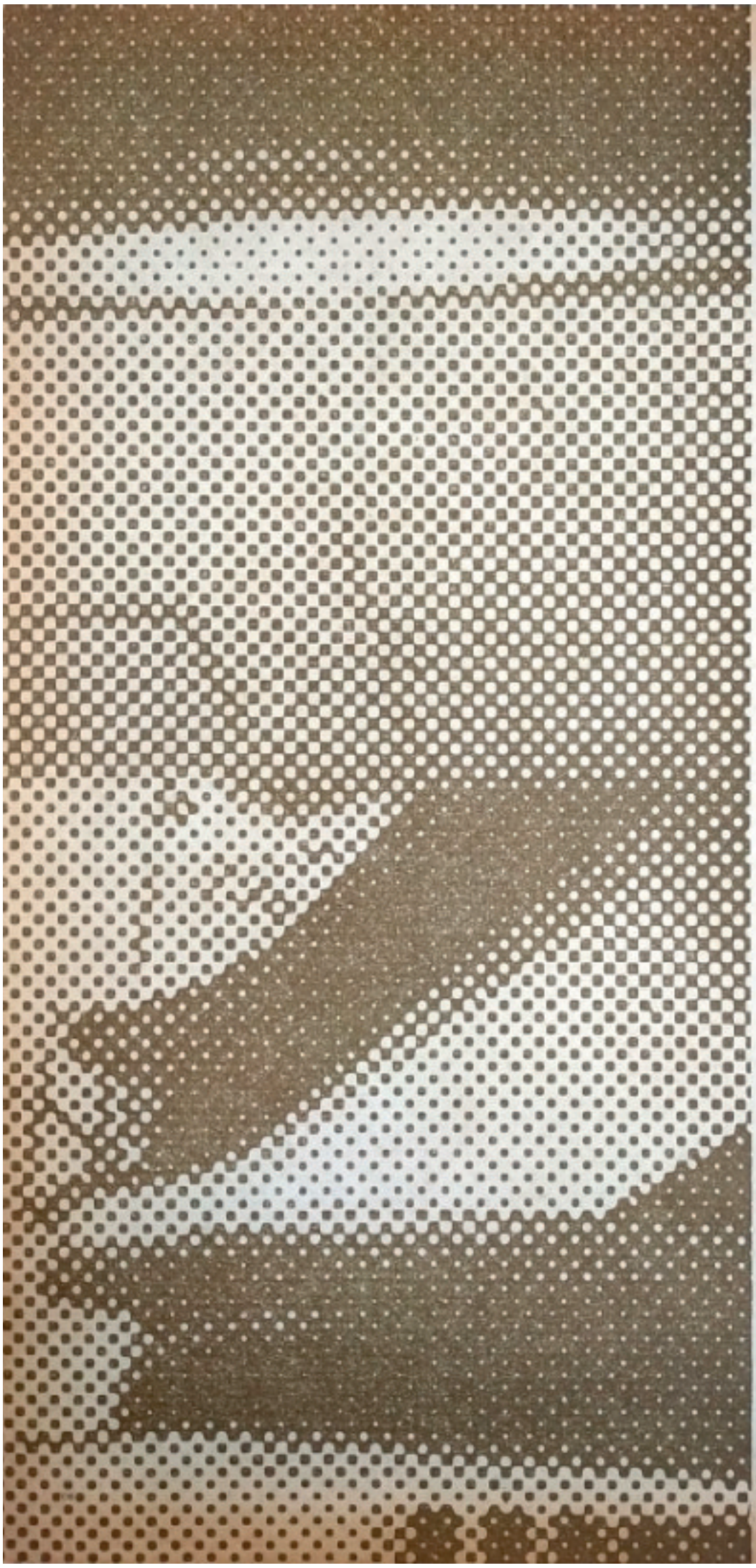
- O Canadá apresentou uma contribuição de Meyerhof, conhecido especialista no estudo da capacidade de carga de estacas, visando o cálculo de estacas Franki.

Além das sessões de debates foram realizadas visitas a obras de fundações, em execução por Estacas Franki no Rio e nos Estados, que despertaram grande interêsse entre os congressistas.
Foi com satisfação que os especialistas brasileiros receberam seus colegas de outros países, e observaram o alto aprêço em que é tido no mundo, o nosso progresso técnico.

21004

Estacas FRANKI Ltda.

Av. Rio Branco, 311 — 10.º andar — Rio de Janeiro
SÃO PAULO — BELO HORIZONTE — VITÓRIA — CURITIBA — PÔRTO ALEGRE — RECIFE — SALVADOR — BRASÍLIA — JUIZ DE FÓRA — BELÉM DO PARÁ



...são ATLAS

também
maioria
absoluta
em
instalação
de
escadas
rolantes

ELEVADORES ATLAS

INDÚSTRIAS VILLARES S.A.